

Pamela Luisa Paiva de Oliveira

**TETA: Os papéis simbólicos do seio desnudo na sociedade
brasileira urbana atual**

CELACC/ECA-USP

2015

Pamela Luisa Paiva de Oliveira

**TETA: Os papéis simbólicos do seio desnudo na sociedade
brasileira urbana atual**

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em
Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos
do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura
e Comunicação da Universidade de São Paulo,
produzido sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Joana
Rodrigues.

CELACC/ECA-USP

2015

TETA: Os papéis simbólicos do seio desnudo na sociedade brasileira urbana atual

Pamela Luisa Paiva de Oliveira¹

Resumo

Há décadas a luta do movimento feminista vem conquistando diversas frentes de embate na sociedade brasileira no campo social, político e ideológico. Esses embates se mostram ainda mais acirrados quando se trata de um dos principais direitos femininos reivindicados, o controle do próprio corpo. Sobretudo as tetas – ou seios – expostas são alvos de repressão. Esse artigo traça um panorama das reações ao seio desnudo ao longo da história e na atualidade, e as manipulações de seus papéis simbólicos com objetivos distintos. Sobretudo, no Brasil, relata a opressão às tetas, desde o primeiro topless, registrado pelo fotógrafo Frederico Mendes, nas praias cariocas em 1972, até os dias de hoje, com a necessidade da criação de uma lei que garanta à mãe o direito de amamentar seu filho em locais públicos, na cidade de São Paulo. A partir deste contexto, o artigo analisa a representação simbólica do seio e seu espaço na cultura brasileira no eixo Rio-São Paulo, a partir do conceito de cultura de John B. Thompson e os estudos acerca da repressão sexual, empreendidos por Marilena Chauí.

Palavras-chave: Feminismo, amamentação, topless, cultura, sexualidade, seios, tetas.

Abstract

For decades the struggle of the feminist movement has clashed in Brazilian society in the social, political and ideological realms. These clashes have been even more fierce when it comes to one of the main claimed women's rights, control of the body. Especially the teats - or breasts - are exposed targets of repression. This article provides an overview of the reactions to the naked bosom throughout history and today, and the manipulations of its symbolic roles with different objectives. Especially in Brazil, oppression of tits have been reported from the first topless photo, recorded by photographer Frederico Mendes in Rio's beaches in 1972 until the present day, with the need to create a law that guarantees the mother

¹Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Rádio e Televisão pela Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação *latu sensu* em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da ECA/USP, no ano de 2015, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Joana Rodrigues.

the right to breastfeed her child in public places in the city of São Paulo. From this context, the article analyzes the symbolic representation of the breast and its place in Brazilian culture in Rio and São Paulo, from the culture concept John B. Thompson and studies about sexual repression undertaken by Marilena Chauí.

Keywords: Feminism, breastfeeding, topless, culture, sexuality, breasts, teats.

Resumen

Hace décadas la lucha del movimiento feminista viene conquistando diversos frentes de confrontación en la sociedad brasilera en el campo social, político e ideológico. Esta confrontación se muestra aún más dura cuando se trata de uno de los principales derechos femeninos reivindicados, el control sobre el propio cuerpo. Principalmente las tetas – o senos – expuestas son objeto de represión. Este texto traza un panorama de las relaciones al seno desnudo a lo largo de la historia y en la actualidad, y las manipulaciones de su papel simbólico con objetivos distintos. Especialmente en Brasil, relata la opresión a las tetas, desde el primer *topless*, registrado por el fotógrafo Frederico Mendes, en las playas cariocas en 1972, hasta los días de hoy, con la necesidad de la creación de una ley que asegure a la madre el derecho de amamantar a su hijo en lugares públicos, en la ciudad de São Paulo. A partir de este contexto, el texto analiza la representación simbólica del seno y su espacio en la cultura brasilera en el eje Rio-São Paulo, a partir del concepto de cultura de John B. Thompson y los estudios acerca de la represión sexual, emprendidos por Marilena Chauí.

Palabras clave: Feminismo, amamentación, topless, cultura, sexualidad, senos, tetas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e meus irmãos pelo amor e paciência. Agradeço a todos os meus amigos que tanto me ajudaram no período de produção do artigo, com reflexões, ideias e palavras de incentivo. Amigos que tiveram participação efetiva neste trabalho, como a Bá, Dani Almera, Henrique Rausch, Henri Caliento, Emmet Curley, Sergio Pinzón e Felipe Sciotti. Agradeço às meninas do Mamilo Livre, Letícia Bahia e Julia Rodrigues, que me receberam com tanto carinho. Sem o Mamilo Livre, este artigo não seria possível. E agradeço especialmente à Sandra Seabra, que foi para mim uma verdadeira mestra e que muito me esclareceu sobre a arte da militância feminista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. AS REPRESENTAÇÕES DOS SEIOS ATRAVÉS DOS SÉCULOS	08
2. O SEIO FEMININO E O SEIO FEMINISTA	21
3. MAMILO LIVRE	31
3.1 AS AÇÕES QUE DERAM ORIGEM AO MAMILO LIVRE	31
3.2 ESTRATÉGIAS MAMILO LIVRE	36
3.3 DESAFIOS MAMILO LIVRE	38
3.4 MAMILO LIVRE NAS RUAS	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
5.1 WEBGRAFIA	51
6. ÍNDICE DE FIGURAS	56
7. APÊNDICES	59
8. ANEXOS	83

Introdução

*“Dona das divinas tetas
Derrama o leite bom na minha cara
E o leite mau na cara dos caretas”*

trecho da composição Vaca Profana, de autoria de Caetano Veloso (1986)

O trecho da composição de Caetano Veloso acima citado introduz a reflexão acerca das diversas representações da “teta”. Termo este que soa mais como uma provocação, ao referenciar os seios ao básico e primário estado do ser humano, o estado animal e mamífero, no qual a “teta” ganha o atributo de divino e seu leite pode tanto ofertar plenitude quanto um castigo.

Os seios têm grande carga simbólica em suas diversas representações ao redor do mundo e em diferentes culturas. Normalmente, essas representações estão ligadas à feminilidade, fertilidade, maternidade, santidade, à vida e até mesmo ao surgimento do universo. No aspecto maternal evoca o afeto, a efetivação do relacionamento entre mãe e filho, mas em algumas culturas, pode ter apenas o simples papel nutricional.

A visão sexual do seio feminino está longe de ser uma unanimidade universal. Em culturas da África e do Pacífico Sul, por exemplo, os seios femininos andam descobertos desde os primórdios e os povos destas localidades não cultivam o aspecto erótico como os das culturas ocidentais (YALOM, 1997: p.13). O traçado histórico apresentado neste artigo se vincula ao papel simbólico dos seios desnudos na cultura ocidental.

A variedade simbólica atribuída aos seios desnudos femininos na sociedade ocidental, através dos séculos, até os dias de hoje, é um dos aspectos abordados neste artigo. E traça uma análise acerca da sua representação na sociedade brasileira, com o objetivo de identificar os fatores sociais e culturais que ainda impossibilitam um avanço no diálogo acerca da exposição do seio desnudo. Para tanto, é importante levar em consideração as estruturas de controle da sociedade e o quanto estas se relacionam à repressão e, sobretudo numa sociedade capitalista, este mesmo controle se volta à manipulação dos desejos. Marilena Chauí aponta até onde repressão e manipulação podem influir na subjetividade: “Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-

repressão graças à interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade” (CHAUÍ, 1984: p. 13).

As manifestações feministas e pró amamentação são contrárias às proibições e censuras. O que elas podem trazer de novo para a ressignificação cultural da exposição do seio? Para compreender a amplitude desses movimentos, o artigo tem como base o conceito de *concepção estrutural de cultura* do sociólogo americano John B. Thompson. De acordo com o autor, é importante dar ênfase tanto ao caráter simbólico dos fenômenos culturais como o fato desses fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados (THOMPSON, 2011: p. 181).

Como objeto de estudo, esse artigo traz o projeto *Mamilo Livre*, criado e desenvolvido na cidade de São Paulo e que pretende alcançar o país e o mundo. É um projeto alinhado às reivindicações de movimentos feministas que atuam no eixo Rio-São Paulo. Entre seus objetivos, está o questionamento do papel simbólico do seio desnudo na sociedade contemporânea. Para isso, a psicóloga Letícia Bahia e a fotógrafa Julia Rodrigues realizam intervenções urbanas por meio de lambe-lambes, utilizando fotos de mamilos masculinos e femininos, de forma tal a sugerir suas semelhanças.

Seios e mamilos têm diferenças mínimas entre os gêneros. O que explica, então, a proibição da exposição do seio feminino desnudo ultrapassa seu aspecto biológico, sofrendo “modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História” (CHAUÍ, 1984: p. 10).

1. As representações do seio através dos séculos

A partir de uma perspectiva histórica e cultural, o seio ganha simbologias diferentes na formação das civilizações através dos séculos. Pode-se citar como exemplo um dos registros mais antigos encontrados, a estatueta da Vênus de Willendorf (figura 1), na região da Áustria, pertencente à era paleolítica – de 25.000 a 20.000 a.C. Apesar de não haver unanimidade sobre sua origem ou significado cultural, alguns estudiosos acreditam que a estatueta de uma corpulenta figura feminina com seios nus e avantajados poderia estar ligada a cultos de fertilidade.



Figura 1: Vênus de Willendorf

Os seios da era neolítica, época em que o homem se iniciava nas técnicas do cultivo agrícola, foram representados pela deusa Pótnia (figura 2), de 6.500 a.C, na atual Turquia. Acreditava-se que a fecundidade da mulher influenciava a fertilidade dos campos, pensamento este que garantiu alguma posição de prestígio à mulher; a deusa da sociedade neolítica, então, é representada por uma mulher sentada no trono, tendo ao seu lado duas panteras sobre as quais apóia suas mãos; seus quadris largos e seios fartos reforçam a ideia de mãe e senhora da natureza (LINS, 2007: p. 16).



Figura 2: Deusa Pótnia de ÇatalHuyuk na Turquia

Na Antiguidade, nas terras que deram origem ao atual Estado de Israel, quase todas as divindades eram do sexo feminino e representadas com seios erguidos para reforçar esse fato (YALOM, 1997: p. 23):

Isso é particularmente nítido nas estatuetas de pilares dos séculos VIII a VI A.C. conhecidas como estatuetas “Astarte”, baseadas na deusa fenícia do amor e fertilidade. Esta *deanatrix* (divindade nutritiva) foi descrita como uma “espécie de árvore com seios” que equivalia a uma “prece tangível de fertilidade e alimento” (YALOM, 1997: p. 23).

No Egito, ainda no campo das divindades, a deusa-mãe é incorporada por Ísis, associada à vaca provedora de leite, à Árvore da Vida e ao trono dos faraós. O faraó atestava sua divindade ao se mostrar como filho de Ísis, sentando-se no trono, simbolizado pelo colo da deusa, e ao beber seu leite (YALOM, 1997: p. 23). Para os egípcios desta época, o seio como importante símbolo da fertilidade foi inclusive apropriado por uma divindade masculina, o deus Hapis, responsável pela cheia anual do Nilo (YALOM, 1997: p. 24).

Destaca-se também a mulher grega cretense, pertencente à civilização minóica, cuja principal divindade era uma imagem feminina: a deusa Grande-Mãe. Esta divindade se apresenta com vestido longo e seios nus; assim como a deusa, as mulheres cretenses usavam apertadas saias na cintura e corpetes justos para realçar os seios nus como símbolo de status, pois o traje era típico das mulheres da corte (BERGAMO, 2007: p. 5).

Apesar do aspecto sagrado do seio na Antiguidade, no início da Idade Média, a arte cristã manteve a ausência do seio, com objetivo de preservar sua santidade. Quando os seios nus apareciam, era com um forte papel negativo, por exemplo, em meio às figuras sendo engolidas pelas bocas do inferno; mas quando cobertos eram recebidos no paraíso. Os seios, quando nus, eram representados mutilados como forma de punição. Em uma pintura medieval (figura 3) na igreja Tavant, na França, a luxúria é representada na forma de uma mulher que perfura o próprio seio com uma lança (YALOM, 1997: p. 47, 48).



Figura 3: Tavant, França. Início séc. XII

A arte influenciada pelo catolicismo evocava o papel maternal do seio, sobretudo representado pela Virgem Maria amamentando o menino Jesus. As obras estimulavam o modelo ideal de mãe. A ideia era a de que ao amamentar o próprio filho, as mães absorviam os ensinamentos de Maria. Tal fato era importante, pois nessa época, era costume destinar a amamentação da criança a amas de leite. A amamentação, então, superava o seu papel nutricional e passava a ser o canal de transmissão de todo um sistema de crenças ético-religiosas (YALOM, 1997: p. 54). Ao longo da era medieval, o leite materno ganhou aspectos místicos e milagrosos, sendo considerado de igual importância ao sangue (YALOM, 1997: p. 61).

Ao final da era medieval, sobretudo no século XVI, ocorreu o ápice da ação dos tribunais inquisidores, que perseguiram, torturaram e assassinaram pessoas, na maioria, mulheres. A igreja católica medieval, que exaltava a figura de Maria e denegria a de Eva, conseqüentemente estimulou a formação do tabu sexual acerca do corpo feminino. (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 20, 21):

Eva é responsável pela queda do homem, e é considerada, portanto, a instigadora do mal. Esse estigma, que se propaga por todo o sexo feminino, vem a se traduzir na perseguição implacável ao corpo da mulher, tido como fonte de malefícios (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 20).

Até essa época, o seio feminino não tinha ainda grande apelo sexual, entretanto, essa percepção na cultura ocidental passa por mudanças, conforme aponta o estudo de Gilza Sandre Pereira, *Amamentação e Sexualidade*:

[...] o significado do olhar lançado sobre a nudez mudou muito ao longo dos séculos no Ocidente, e foi apenas no final da Idade Média que a nudez feminina e a visão do nu passaram a ser identificadas com o desejo e a ter a conotação erótica que conhecemos hoje (PEREIRA, 2003).

As Madonas já existiam desde o século II. Entretanto, na transição da era medieval para o início do Renascimento ocorre, na arte cristã italiana, um fenômeno único: a proliferação de imagens da Virgem Maria amamentando o Menino Jesus, perpetuando sua imagem nos séculos seguintes (YALOM, 1997: p. 56). Yalom atribui o fenômeno às graves crises de abastecimento de alimentos que afetou a região na época, então, a imagem da santa nutrindo o Menino Jesus poderia proporcionar algum conforto emocional à população.

Mas também atribui a este fenômeno da proliferação de Madonas a prática comum de enviar crianças da classe média florentina para as amas de leite, que permaneciam com as elas até os dois anos de idade. A autora acredita que crianças que passaram por essa ruptura maternal podem ter se tornado os artistas do Renascimento, que, então, buscaram na representação de *Maria Lactans* uma substituta para o afago materno que não tiveram nos primeiros anos de vida (YALOM, 1997: p. 58 e 60).

Na arte renascentista, o padrão de beleza dos seios não se alterara muito daquele da Idade Média, no qual os seios tinham que ser pequenos, brancos, redondos como maçãs,

duros, firmes e muito afastados (YALOM, 1997: p. 73). Mas passaram a ser celebrados no Renascimento, como uma nova forma de liberação sexual. Mulheres de todas as classes sociais passaram a expor mais os seios, principalmente as mulheres que trabalhavam na prostituição, basicamente divididas em duas categorias, prostitutas e cortesãs. A adoração renascentista ao corpo jovem e o horror à velhice, associada à flacidez e altura dos seios, determinava o valor comercial e a longevidade na profissão dessas mulheres. Nesse período, a sociedade de Veneza tolerava bem a atividade das cortesãs, além do considerável valor em impostos pagos por elas, a atividade servia como instrumento para combate à sodomia, o que proporcionou um espaço destinado às cortesãs, a *Ponte delle Tette* (Ponte das Mamas). Neste local, elas trafegavam com os seios desnudos ofertando a mercadoria, podendo pintá-los com a mesma maquiagem do rosto para evidenciá-los ainda mais. É a partir dessa prática que o seio desnudo é associado à prostituição (YALOM, 1997: p. 74, 75 e 77). Cortesãs famosas serviam de modelo para a arte renascentista com seus seios nus, e tornaram-se símbolo da nova beleza feminina (YALOM, 1997: p. 78). Na era renascentista tornou-se ainda mais comum recorrer às amas de leite; pois maridos autoritários não queriam ter a imagem do seio da esposa associada à ação maternal, pois interferia no sexo (YALOM, 1997: p. 108).

Na Idade Moderna, as mães ainda recorriam às amas de leite também para a preservação do seio juvenil; por volta de 1700, menos da metade das mães britânicas amamentavam seus filhos. Na França, o índice era ainda mais crítico. Além de atingir as mães da aristocracia durante o século XVI, a prática chegou às mães burguesas no século XVII e às mães das classes trabalhadoras do século XVIII, que necessitavam dos serviços das amas para poderem exercer suas funções (YALOM, 1997: p. 132). Surgem, então, protestos de médicos, cientistas, filósofos e moralistas contra as amas de leite, justificando que a criança absorveria o mau caráter e defeitos físicos de sua ama através do leite; dessa forma, associava-se ao seio das amas a corrupção do caráter, e ao seio maternal a regeneração familiar e social (YALOM, 1997: p. 132/133). A amamentação assume aspecto de culto, incentivada pelo governo e organizações femininas filantrópicas francesas, que ofereciam auxílio à mães necessitadas em troca destas amamentarem seus próprios filhos. Desta forma, o seio passa a ser alvo de grande interesse político-social (YALOM, 1997: p. 143).

Na França, a amamentação contribuiu para a formação da representação dos seios vinculados às ideias da política liberal, tornando-se símbolo da liberdade, igualdade,

patriotismo, coragem, justiça, generosidade e abundância (YALOM, 1997: p. 148). A exemplo desse novo papel dos seios, pode-se citar a obra *A Liberdade Conduzindo o Povo* (figura 4), de Delacroix, na qual os seios podem ser interpretados não como um apelo sexual, mas a imagem da nudez desta parte do corpo assume um papel político.



Figura 4: *A Liberdade Guiando o Povo*, Eugene Delacroix, 1830.

Politicizado no século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, o seio desnudo ganha novas dimensões. A propaganda francesa erotizava sua Marianne, figura alegórica de uma mulher que personifica a República Francesa, com objetivos políticos ao representá-la, por exemplo, com os seios desnudos em frente a canhões para a intimidação do inimigo alemão (YALOM, 1997: p. 157 e 158). Os americanos também se apropriavam do seio desnudo para incentivar o alistamento, em cartazes que caricaturizavam alemães (figura 5), como um gorila monstruoso segurando uma indefesa mulher com os seios nus, transmitindo a mensagem de que os alemães violentavam as mulheres vítimas da guerra (YALOM, 1997: p. 159). Nos cartazes americanos, o seio desnudo era a representação da vulnerabilidade feminina (YALOM, 1997: p. 160).

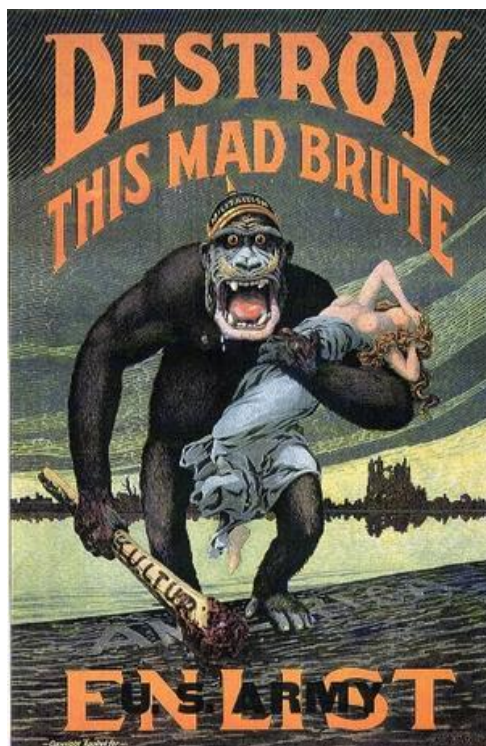


Figura 5: H. R. Hopps, 1914.

As representações propagandistas dos seios na Primeira Guerra Mundial variavam muito de acordo com os gostos e costumes nacionais. Os italianos gostavam da representação dos seios, geralmente grandes, em imagem de mulheres que transmitiam poder; os austríacos se utilizavam da imagem de heroínas populares com trajes tradicionais ou mitológicos; os ingleses recorriam à fiel e tradicional Britânia (YALOM, 1997: p. 163). Notória passagem foi a do seio da mulher russa, que chegou a lutar ao lado dos homens na guerra. Apesar da notícia dos atos heróicos femininos na guerra terem se espalhado pela Inglaterra e Estados Unidos, há quem não levasse a sério o papel da mulher russa como soldado, e assim, caricaturas vieram a questionar as possibilidades sexuais da mulher na guerra, caracterizando-as com os seios desnudos, sentadas ao colo de seus parceiros combatentes (YALOM, 1997: p. 165).

O papel da imagem feminina na Segunda Guerra Mundial muda, e cartazes europeus e americanos já não representam mais as mulheres-nação. Nessa época, utilizava-se da representação de mulheres reais em diversas situações de trabalho (YALOM, 1997: p. 166). Porém, o seio erótico sobreviveu na guerra, estampado na fuselagem de aviões: figuras femininas provocadoras eram pintadas e davam aos combatentes a sensação de potência sexual e destruição (YALOM, 1997: p. 167). O seio tornou-se a marca de milhões de imagens de *pin-ups*, que eram enviadas aos soldados americanos com o objetivo de levantar-lhes a

moral (YALOM, 1997: p. 167). Durante quase todo esse século, o seio teve papel importante na guerra, sobretudo como símbolo feminino a despertar a coragem nos homens (YALOM, 1997: p. 169).

De acordo com a erotização culturalmente enraizada na França, este país não poupou os seios de Marianne; ao lançar sua nova moeda, estampou os conhecidos e amplos seios nus da obra *A Liberdade Conduzindo o Povo* (figura 4), de Delacroix, fato que levou alguns países a recusar a moeda. Como potência colonizadora, a França recorreu aos seios de mulheres negras para ilustrar suas notas na Indochina Francesa, na África Ocidental e na Nova Caledônia, arquipélago da Oceania pertencente à França, com intuito de valorizar o turismo, pois as nativas desses países de fato andavam com os seios desnudos. Também se utilizaram do seio negro os portugueses colonizadores em Angola, que caracterizaram na sua cédula uma mulher negra com os seios desnudos, ao lado de uma mulher branca vestida, sugerindo um estado primitivo de desenvolvimento que estaria resguardado ao lado de uma potência “civilizatória” (YALOM, 1997: p. 170).

Nas primeiras décadas do século XX, outro assunto que fez os seios retornarem à pauta foi o aleitamento materno. Enquanto na Europa já se estimulava e incentivava o aleitamento, nos Estados Unidos parece ter havido uma queda nos já baixos índices da década de 30 para a década de 40, quando apenas 25% das mães americanas amamentavam seus filhos; essa queda pode ser explicada pelo surgimento e promoção das fórmulas lácteas pela indústria e pela classe médica (YALOM, 1997: p. 172). Médicos viam pouca ligação na ativa participação da mulher no processo de desenvolvimento dos bebês e as fórmulas lácteas consideradas substitutos adequados, se não melhores, ao leite materno. Nesse contexto de desvalorização do leite materno, nos Estados Unidos, o ato de amamentar já era hostilizado em locais públicos (YALOM, 1997: p. 173).

Os seios desnudos ganharam sempre novas competências, de acordo com os interesses nacionais e internacionais dos países, seja em prol da regeneração social – como no caso citado anteriormente, no qual o aleitamento das mães era refutado, pois poderiam formar o caráter da criança por meio do leite –, seja como portador de um alimento desprezado, que deveria ser substituído para estimular o mercado de fórmulas lácteas, como símbolo de “liberdade” a encorajar soldados em tempos de guerra. O seio emanava grande espectro de ações governamentais, econômicas, religiosas e cuidados da saúde, mas todas essas ações não

colocavam os interesses femininos como prioridade. A partir da segunda metade do século XX esse cenário entra em debate pelas mulheres, que começaram a questionar a política sexual do seio (YALOM, 1997: p. 176 e 177).

A revolução sexual dos anos 60 coloca o sutiã como figura da opressão feminina, podendo ser lembrada pela simbólica “queima de sutiãs” tornando-se símbolo da luta contra qualquer forma de opressão externa. Na França, então, a “queima” se traduz na retirada da parte de cima da roupa de banho, o topless, nas praias de Saint-Tropez. Essa prática do topless foi percebida como símbolo do desejo feminino em exercer a igualdade em relação aos homens na autonomia sob seus corpos, desejo este que, conseqüentemente se espalhou por alguns países como Itália e Espanha (YALOM, 1997: p. 217).

No Brasil, a prática foi importada com o surgimento de movimentos de contracultura, um importante marco para as lutas feministas. Entre diversas frentes destaca-se a liberação sexual, por meio da qual a mulher passa então a questionar as raízes culturais da repressão e reivindicar o controle do seu próprio corpo.

[...] o feminismo incorpora, portanto, outras frentes de lutas, pois além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos – políticos, trabalhistas, civis –, questiona também as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia, desta forma, a mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 54)

Nesse contexto, surge no Rio de Janeiro, mais precisamente em 1972, na praia de Ipanema, o que teria sido o primeiro topless das praias cariocas. Apesar de muito comum nas praias da Europa, no Rio de Janeiro a prática foi recebida com alvoroço, como conta em seu blog Frederico Mendes, repórter fotógrafo carioca e autor do registro fotográfico do momento (figura 6), o que lhe rendeu publicação na capa da revista Manchete e também despertou a censura da ditadura militar.



Figura 6: Frederico Mendes, 1972.

A seção Acervo, do jornal O Globo, atribui o primeiro topless carioca à Patrícia Casé, irmã da atriz e apresentadora Regina Casé, como consta na publicação de novembro de 1979 (figura 7 - matéria na íntegra digitalizada em Anexos p. 83).

A prática do topless nas praias cariocas ganha força a partir da década de 80. Incidentes como o que envolveu duas mulheres, Verônica Maieski e Isabel Cristina Rosa Amorim, que tentaram exercer a prática, mas foram fortemente hostilizadas por banhistas (figura 8 - matéria na íntegra digitalizada em Anexos p. 84 e 85), pode ter aberto espaço para o debate do topless. O tema foi abordado em 1980, na telenovela da Rede Globo, no horário das 20h, *Água Viva*, escrita por Gilberto Braga e Manoel Carlos, com direção de Paulo Ubiratan e Roberto Talma. Em uma de suas cenas, a novela reproduz o ocorrido com as duas garotas. A presença deste tema em uma obra de ficção, veiculada por uma mídia com capacidade de difusão a um grande público, como é a TV, nos mostra que tem sido inegável reconhecer o topless como uma faceta da revolução sexual e desdobramento do movimento feminista nesse período.

Embora não exista uma lei específica que proíba o topless, normalmente a prática é interrompida por força policial, e pode ser enquadrada no artigo 233 do Código Penal Brasileiro, que considera crime praticar ato obsceno em lugar público, aberto ou exposto ao público, e que prevê pena de três meses a um ano de detenção ou multa. A problemática é que o topless ou o seio desnudo não são citados na lei e a questão passa a ter uma avaliação subjetiva, pois cabe a interpretação dentro de um contexto histórico e cultural. Portanto, não

havendo previsão específica, cabe ao Poder Judiciário decidir se o topless se enquandra, ou não, no crime de ato obsceno.

Ao pensar na resistência ao topless nas praias cariocas, torna-se importante citar o carnaval, expressiva festa popular brasileira, na qual, em sua versão carioca, o seio desnudo é figura forte e quase onipresente nos dias em que acontece a festa. Mesmo quando, no ano de 1989, a artista plástica Enoli Lara inovou o desfile carnavalesco carioca com a primeira nudez genital, sendo proibido no ano seguinte pela Liga das Escolas de Samba, o seio ainda permanece protagonista, inclusive com o surgimento de uma personagem que sobrevive até os dias de hoje como símbolo carnavalesco: a mulata Globeleza. Seu corpo escultural é veiculado por meio de vinhetas diárias da Rede Globo, sambando com seus seios desnudos durante o período pré-carnavalesco e ao longo de todos os dias da festa.

Carnaval a parte, as praias cariocas continuariam servindo de cenário ao polêmico topless, e os seios desnudos seriam figura central em episódios de intolerância. Como no verão do ano 2000, quando um caso volta a aquecer o debate em torno do topless. Abordada por policiais armados, a vendedora Rosemeri Moura da Costa foi detida, acusada por crime de ato obsceno, enquanto fazia topless na Praia da Reserva (figura 9 - matéria na íntegra digitalizada em Anexos p. 86 e 87), ao tentar defendê-la, seu marido também foi detido. O tratamento hostil dado à vendedora teve repercussão na mídia, pressionando a Secretaria de Segurança Pública e o então prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, que decretou o “verão do topless” (figura 10 - matéria na íntegra digitalizada em Anexos p. 88), determinando que o topless não fosse mais reprimido por forças policiais.

Essa determinação ficou restrita àquele ano, pois outra abordagem policial aconteceu em novembro de 2013, que voltou a reprimir os seios desnudos, agora na Praia do Arpoador. Os atores Cristina Flores e Álamo Facó fotografavam para a divulgação da peça teatral estrelada pelos dois. Cristina, com os seios desnudos, foi abordada por policiais que ordenaram que ela se vestisse, alegando que a prática se constituía de ato obsceno e que havia crianças no local. O acontecimento não só repercutiu na imprensa, como provocou grande comoção nas redes sociais, motivando o surgimento do movimento da prática coletiva do topless, na praia de Ipanema: o Toplessaço. Organizado através das redes sociais, o Toplessaço foi marcado para acontecer em dezembro daquele ano; teve confirmação de cerca de oito mil participantes no

evento criado no Facebook. O objetivo foi o de abrir o debate a favor da descriminalização dos seios desnudos nas praias cariocas. Apesar da movimentação nas redes sociais, o ato reuniu poucas mulheres e alguns homens apoiando a causa, mas atraiu a atenção de muitos curiosos e da imprensa. De qualquer forma, a mobilização conseguiu o apoio do vereador Elton Babu, do PT, que apresentou na Câmara Municipal do Rio de Janeiro o projeto de lei nº 623/2013; se aprovado, permitirá a prática do topless na área entre o calçadão e o mar, nas praias cariocas.

Paralelamente, em São Paulo, a manifestação do seios desnudos contra questões moralistas e de reivindicação do espaço público ocorre de maneira igualmente significativa, quando em março de 2011 uma mãe lactante foi repreendida por amamentar seu filho em uma exposição no Itaú Cultural na avenida Paulista. O caso teve forte repercussão e se espalhou pelas redes sociais, causando grande indignação entre as mães lactantes, mesmo com a retratação do Itaú Cultural. Assim, como no Toplessaço, um grupo de mães se mobilizou e organizou em maio do mesmo ano, através de evento no Facebook, um ato de amamentação coletiva, o “Mamaço”. O ato ocorreu no espaço do Itaú Cultural e reuniu cerca de 50 mães, que tiveram o apoio de organizações pró amamentação, como Matrice e AMS (Aleitamento Materno Solidário Brasil).

O movimento se espalhou e já acontece em diversas cidades do país, sob diferentes lideranças, mas pode-se destacar um representativo movimento de amamentação coletiva organizado pela AMS, “Hora do Mamaço”. Criado em 2012, sua última edição, em agosto de 2015, contou com a participação de mais de 3000 pessoas, em 50 cidades, de acordo com a página oficial do evento (<https://horadomamaco.wordpress.com/>).

Apesar do intenso trabalho dessas ONGs e associações em promover e divulgar os conhecidos benefícios da amamentação para saúde do bebê, o olhar opressor da sociedade parece não ter tido grandes avanços à prática em locais públicos, que ainda é vista como transgressora. Desde o primeiro evento em 2011 no Itaú Cultural, a repressão ao seio desnudo de mães lactantes continuou a ocorrer nos anos que se seguiram em outros espaços culturais como em novembro de 2013 no Sesc Belezinho, quando uma mãe foi orientada por uma funcionária do local a se dirigir à sala de amamentação pois era proibido amamentar no local

onde se encontrava a mãe e a criança, uma sala destinada a crianças. No Sesc Belenzinho o mamaço reuniu cerca de 30 mães.

Em fevereiro de 2014 outra mãe foi repreendida no espaço do MIS (Museu da Imagem e do Som) ao amamentar sua filha, na época com sete meses de idade, então no mesmo mês um mamaço foi realizado no MIS com a participação de cerca de 40 famílias contra a proibição. Em dezembro do mesmo ano a Pinacoteca de São Paulo também foi cenário de proibição à amamentação. Uma mãe foi repreendida por um segurança da Pinacoteca, na exposição do artista Ron Mueck, ao amamentar sua filha de quatro meses. Ao denunciar o episódio no Facebook, outro Mamaço foi organizado ao final de janeiro de 2015, que contou com a participação e organização do Matrice, grupo de apoio à amamentação.

Separar o papel sexual do seio de seu papel maternal tem sido uma difícil tarefa para as mães brasileiras, que se articulam através de encontros de amamentação coletiva, em páginas na internet, compartilhando experiências e denunciando a opressão para que se evidencie essa distinção.

Apesar da resistência da sociedade em aceitar a exposição do seio desnudo para amamentação em locais públicos, as mães lactantes tiveram uma vitória no campo dos direitos civis. Projeto de lei proposto pelos vereadores Aurélio Nomura (PSDB), Patrícia Bezerra (PSDB) e Edir Sales (PSD), tornou-se lei sancionada pelo prefeito Fernando Haddad (PT). É a lei nº 16.161, de 13/04/2015, que garante à mãe o direito de amamentar em qualquer estabelecimento na cidade de São Paulo, prevendo multa para o local que descumpri-la.

Em junho de 2011, São Paulo deu origem a mais uma manifestação de reivindicação dos direitos femininos, a Marcha das Vadias. Versão brasileira do protesto “*Slutwalk*”, realizado no mesmo ano em Toronto, Canadá, o protesto surgiu como reação à declaração de um policial canadense que sugeriu às mulheres não se vestirem como “vadias”, para que não fossem vítimas de violência sexual. A declaração do policial foi considerada um exemplo do domínio masculino sob o corpo feminino e causou a revolta feminista. O movimento é contra a violência sexual e a culpabilização da vítima, defendendo a autonomia feminina sob seus corpos. Normalmente, suas manifestantes vão às ruas com roupas consideradas provocantes

ou com os seios desnudos. A Marcha ganha força a cada edição e se disseminou em diversas cidades pelo Brasil e no mundo.

02. O seio feminino e o seio feminista

Analisando os diferentes papéis simbólicos do seio desnudo através dos séculos, no capítulo anterior, pode-se determinar o aspecto cultural dessas representações tomando como base a “concepção estrutural” da cultura desenvolvida por John B. Thompson. Nela, Thompson explica que os fenômenos culturais devem ser entendidos como *formas simbólicas em contextos estruturados*, sendo a sua análise baseada na *constituição significativa* e na *contextualização social das formas simbólicas*. Thompson expõe que as formas simbólicas estão inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos, e por meio deles, são produzidas, transmitidas e recebidas (THOMPSON, 2011: p. 181). Thompson complementa ainda, ao afirmar que estes contextos e processos são estruturados de várias formas:

Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. A análise dos fenômenos culturais implica a elucidação destes contextos e de processos socialmente estruturados, bem como a interpretação das formas simbólicas (THOMPSON, 2011: p. 181).

Vale destacar que para este artigo torna-se necessário citar as cinco características que constituem as formas simbólicas, Thompson as caracteriza em seus aspectos “intencionais”, “convencionais”, “estruturais”, “referenciais” e “contextuais” (THOMPSON, 2011: p. 182). Sendo os aspectos *intencional*, *convencional*, *estrutural* e *referencial* ligados aos termos de “significado”, “sentido” e “significação”, implicando assim, na interpretação das formas simbólicas. Thompson se refere, ainda, às formas simbólicas como sendo uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos, rituais, até manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte (THOMPSON, 2011: p. 183).

Sendo assim, pode-se considerar que os papéis simbólicos dos seios desnudos atenderam a diversas demandas sociais, através dos séculos, na cultura ocidental. Essas demandas nem sempre convergiram para um olhar erotizado, depreciativo ou objetificante, como acontece na atualidade. Conforme o que foi contemplado neste artigo no tocante à trajetória histórica

desse conceito, os seios foram detentores de poderes divinos, como no Egito, com a divindade Ísis; ou na sociedade cretense, na qual as mulheres exibiam poder e status ao se apresentarem com os seios desnudos.

Nos últimos séculos, entretanto, desde a Idade Média, passando pela Revolução Francesa e ingressando na sociedade industrial e de consumo, os seios como que foram tornado-se um apêndice do corpo feminino objetificado, servindo a todo o tipo de necessidades. Recentemente, entretanto, os seios desnudos têm sido reivindicados como posse exclusivamente feminina e símbolo feminista de empoderamento, através de manifestações, como visto no capítulo anterior.

Nota-se, então, que a mulher está se reapropriando de algo que sempre foi seu. O que aconteceu ao longo de tantos séculos para que a mulher perdesse totalmente o domínio sobre os seus próprios seios desnudos? Uma hipótese é a vigência da falocracia (*phalo* = pênis; *krathós* = poder) e do patriarcado na sociedade ocidental de origem judaico-cristã, de acordo com Chauí:

O *falo* (isto é, o pênis como objeto simbólico), representado consciente e inconscientemente como origem de todas as coisas (poder criador), como autoridade (a Lei como lei do Pai) e sabedoria, é aquilo que a mulher não possui e deseja (CHAUÍ, 1984: p.25).

Chauí aponta ainda que na sociedade brasileira, durante um longo período no passado, o tabu e a repressão sexual criado em torno do corpo feminino se deve também ao fato de que o termo *sexo* fazia referência exclusivamente às mulheres, pois entendia-se que as mulheres não tinham um sexo, eram o sexo (1984: p. 26). E por serem o próprio sexo, eram “figuras por excelência do Mal e da busca desenfreada do prazer, amolecendo corpo e espírito dos homens guerreiros, precisando ser controladas, punidas, vigiadas de todas as maneiras possíveis (1984: p. 27).

Podemos associar a interdição sexual e a repressão ao corpo da mulher também a outros fatores, entre eles, a supervalorização da reprodução e a necessidade de assegurar a paternidade, que depende do controle da atividade sexual da mulher, pensamento este pautado pela sociedade em nome da honra e da moral e atribuídos à virgindade, à castidade e à passividade sexual da mulher (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 60).

Entende-se como repressão sexual o conjunto de normas, permissões, valores e regras estabelecido histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade (CHAUÍ, 1984: p. 9). Regras, normas, leis e valores estes definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e também pela ciência (CHAUÍ, 1984: p.77).

A repressão sexual é uma das maneiras de controle do corpo feminino e a repulsa e perseguição sistemática ao seio desnudo é emblemática desta repressão. A manipulação do corpo traz consequências para a emancipação do corpo feminino de acordo com Alves e Pitanguy no trecho que se reproduz a seguir:

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que coisifica enquanto objeto de consumo. Denuncia desta forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 60 e 61).

O estudo de Alves e Pitanguy ressalta o novo discurso feminista contra a hierarquização sexual fundamentada em questões biológicas, pois sendo fruto de um processo histórico cultural da sociedade, deve ser combatida e superada. Sendo *história*, e não de responsabilidade da *natureza*, é passível de transformação. Mas o estudo ressalta também que o discurso de discriminação está de tal forma internalizado, que se torna difícil inclusive para a mulher desconstruir a imagem de desvalorização e submissão, que pela sociedade foi introjetada. Vendo-se assim através dos olhos masculinos e retransmitindo a imagem criada pela cultura que a discrimina (ALVES; PITANGUY, 1985: p. 56 e 57).

Atualmente, há movimentos feministas de várias vertentes em atividade no Rio de Janeiro e em São Paulo. Há movimentos que se expressam por meio de eventos, muitos deles utilizando as redes sociais como meio de organização e divulgação. Entre eles, a Marcha das Vadias é uma tentativa contundente de ruptura do contexto acima citado. Originada de um episódio de violência sexual, a Marcha das Vadias reúne diversas frentes de luta se também se destaca como manifestação contra a violência e opressão ao corpo feminino, reivindicando a autonomia sobre ele. Normalmente, suas manifestantes vão às ruas com roupas tidas como provocantes ou seus seios desnudos. Na Marcha, elas estabelecem um duplo sentido ao corpo, como é observado no estudo de Gomes e Sorj (2014):

O corpo tem um importante e duplo papel na Marcha: é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. Ao subverter o uso acusatório do termo “vadia”, a marcha reivindica o termo para si e o ressignifica positivamente como “empoderamento” (GOMES; SORJ, 2014).

A frase “Se ser livre é ser vadia, somos todas vadias” tornou-se o grito de guerra e ideia central do movimento sobre a ressignificação do corpo feminino, principalmente no espaço público. No blog da Marcha em São Paulo é explicada a prática opcional do topless nas manifestações como sendo a representação política de reivindicação da autonomia feminina sobre o próprio corpo. Ações como a Marcha trazem à pauta, com o objetivo de reverter o contexto, o que Marilena Chauí analisa em sua obra sobre repressão sexual, onde identifica, na sociedade, o reforço dos estereótipos dos papéis sexuais de homens e mulheres, citando a *estratégia do silêncio*, como sendo o treino feminino para não se falar e nem ouvir sobre sexo, desenvolvendo assim angústias sobre o próprio corpo. E observa ainda: “esse silêncio, que favorece a interiorização dos padrões sobre o feminino e o masculino, é reforçado não e só pelas ideias banalizadas sobre o pudor, mas ainda pela necessidade de provar a adequação feminina ao seu “tipo” essencial: a passividade” (CHAUÍ, 1984: p. 204 e 205).

Entretanto, a palavra passividade não parece encontrar lugar ao lado do seio desnudo carnavalesco, citado brevemente no primeiro capítulo. Aqui, ele entra como contraponto ao seio desnudo repudiado no cotidiano. Chauí aponta que a repressão sexual se diferencia bastante no tempo e espaço, articulada às formas complexas de simbolização que diferentes culturas desenvolvem em suas relações com a natureza, espaço, tempo, diferenças sexuais, relações interpessoais, vida/morte, o sagrado/profano, o visível e o invisível. Dando-lhes assim, sentidos, valores, normas, interditos e permissões (CHAUÍ, 1984: p. 22).

O seio desnudo é permitido no carnaval. Todos os anos, escolas de samba cariocas e paulistanas destacam suas musas por meio da exposição do corpo e principalmente do seio. Embora se possa vislumbrar “momentos libertários” para mulheres que estreiam no carnaval a nudez de seus seios, vale lembrar que, nessa ocasião, o seio e o corpo da mulher brasileira estão bastante atrelados à objetificação sexual: com eles desnudos, lucram as emissoras de televisão, as revistas que cobrem o evento e o setor turístico. O carnaval também é o cenário mais propício para aquelas mulheres que, após se dedicarem por meses a tratamentos estéticos

e plásticos, desejam expor os resultados obtidos, especialmente nos seios e suas formas plásticas perfeitas. Essas mulheres são estimuladas pela indústria do corpo perfeito e da cirurgia plástica, outro segmento de mercado que está em alta no Brasil.

Para além de ser uma festa lucrativa, o que explica, em parte, as licenciosidades, a liberação momentânea do seio no carnaval é explicada por Renato Ortiz, no seu livro *A Consciência Fragmentada*:

[...] o carnaval não se situa dentro do tempo ordinário da sociedade; a análise de outros elementos só faz confirmar este ponto de vista. Tomando-se como exemplo o comportamento tanto dos homens quanto das mulheres, pode-se observar que os papéis sexuais instituídos pela ordem quotidiana se alteram. (ORTIZ, 1980: p. 15)

Ortiz continua sua reflexão sobre o fenômeno social do carnaval fazendo referência ao mecanismo de inversão:

[...] troca-se o dia pela noite, o trabalho pela folga, o pudor pelo descaramento, troca-se mesmo de sexo; à ordem do quotidiano substitui-se a “desordem carnavalesca”. [...] O Carnaval se transforma assim em um fenômeno social sem descontinuidades, seu estudo se reduzindo à comparação entre dois tipos de continuidade: a extraordinária que lhe é interna, e a quotidiana, que se situa fora do tempo de festa (ORTIZ, 1980: p. 16, 17).

O carnaval, com seu caráter extraordinário, suspende por curto espaço de tempo a proibição da exposição do seio, mas o seu simbolismo é reforçado em seus aspectos eróticos e sexuais, pois essa liberdade momentânea é fruto de “descaramento”. O objetivo, aqui, é atender a uma demanda cultural, para a qual, então, o seio é convocado, tendo sua representação transitoriamente manipulada. Retornando ao cotidiano, o seio desnudo volta a causar indignação na sociedade, cuja percepção é a de que ele detém grande apelo sexual.

Atualmente, a internet tem se confirmado como uma importante ferramenta de articulação política, principalmente as redes sociais, onde eventos como a Marcha das Vadias, Mamaço e Toplessaço são criados e organizados. Esses movimentos têm se mostrado representativos para a abertura do debate acerca do seio desnudo e sua apropriação do espaço público, porém, recentemente, o território cibernético também tem se mostrado conservador.

O Facebook vem censurando fotos de mulheres com os seios desnudos. A princípio eram censurados todos e quaisquer seios e seus mamilos, fossem amamentando, mastectomizados ou expostos em trabalhos artísticos. Mais recentemente, foram permitidas fotos para os dois primeiros casos. Entretanto, continuam severamente proibitivas as fotos de seios desnudos, mesmo artísticas. De fato, o grande problema parece ser muito mais o mamilo do que o seio todo. Como diz a fotógrafa Julia Rodrigues, cuja entrevista está em Apêndice, “quando o mamilo está na sua configuração original de peito, ele é proibido, mas, se tirar o mamilo e botar no olho e o olho botar no peito, pode. Se você recortar todo o peito pode”. Quando o usuário posta uma destas fotos consideradas proibitivas e é censurado, ele fica de “castigo”, não podendo fazer uso da rede social por determinado tempo, dependendo se há ou não reincidência. Mas as consequências dessas proibições podem ir muito além destes “castigos”. Além dos critérios estabelecidos pelo próprio Facebook, as fotos podem ser denunciadas por usuários. Quando essa denúncia acontece, o Facebook notifica o autor da postagem avisando acerca do ocorrido e mantém a foto sob análise.

As estratégias de divulgação de bens culturais apostam nos compartilhamentos dos fãs nas redes sociais, como o Facebook. Assim, quando um CD, por exemplo, tem na capa um trabalho artístico envolvendo os seios desnudos, pode ter sua divulgação de lançamento prejudicada. Foi esse o caso da cantora Karina Buhr, que em setembro deste ano (2015), teve a capa de seu novo disco, *Selvática* (figura 11), no qual ela aparece com os seios desnudos, apagada de seu perfil no Facebook, o fato gerou uma onda de compartilhamentos da capa, por parte dos usuários, em apoio à cantora. O Ministério da Cultura (MinC) se manifestou a favor de Karina Buhr, considerando “censura” a posição do Facebook, e que tal atitude “atenta contra a livre expressão artística e de pensamento”. No mesmo mês, o perfil no Facebook da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC) publicou a mesma foto de capa do CD da cantora e não teve apenas o post com a foto apagado, mas sim, a página inteira foi retirada do ar.



Figura 11: Capa álbum Selvática, Karina Buhr 2015.

Entretanto, quatro meses antes, em abril de 2015, o perfil institucional do MinC, no Facebook, já havia sido censurado por causa da divulgação de foto (figura 12) de um casal de índios Botocudos, na qual a índia se apresentava com os seios desnudos. Realizada pelo fotógrafo Walter Garbe, em 1909, ela foi utilizada pelo Ministério para divulgar uma exposição de fotos. Em entrevista à EBC – Agência Brasil, órgão público de comunicação, o ministro da cultura Juca Ferreira considerou a censura um “desrespeito à legislação brasileira, ao estatuto Indígena e também às regras da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”. Houve tentativa de contato com o Facebook, cuja resposta foi a reafirmação das “normas próprias da empresa, que aplicam globalmente, e não se submetem a legislações nacionais”. A foto foi rapidamente reinserida na página do MinC, quando, então, o ministro Juca Ferreira anunciou que acionaria o Facebook judicialmente.



Figura 12: Casal de índios Botocudos. Walter Garber, 1909.

Em maio, a cantora Juçara Marçal foi impedida de lançar o seu disco, *Encarnado*, em outra plataforma online, o iTunes. A empresa exigiu, sem explicar os motivos, uma capa alternativa em substituição à capa original, ilustrada por seios de uma mulher negra (figura 13), arte feita pelo músico Kiko Dinucci.



Figura 13: Capa álbum *Encarnado*, Juçara Marçal 2015.

A cantora Juçara Marçal, que se negou a fazer a troca da capa, não pôde lançar o álbum pela plataforma online. Em entrevista ao UOL – Universo Online, do mesmo grupo do jornal *Folha de S. Paulo* – a cantora disse o seguinte:

Sou mulher negra, e a figura na arte é negra, o que poderia nos levar a crer que houve racismo e machismo. Mas não dá pra saber. Pela quantidade de exemplos de discos, de várias épocas, gêneros, com vários tipos de capas que trazem imagens igualmente estampando mamilos, dá pra imaginar que houve uma tentativa de cercear um trabalho notadamente independente e alternativo. Mas não dá para saber.

O mês de outubro de 2015, portanto nos momentos finais da elaboração deste artigo, foi marcado por manifestações de grupos feministas, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foram manifestações de repúdio ao momento político crítico, no qual forças conservadores, encabeçadas pelo deputado Eduardo Cunha, presidente do Congresso Nacional, tentam retirar direitos já conquistados pelas mulheres, sobretudo relaciona-os às questões reprodutivas e de tratamento após violência sexual. Uma destas tentativas é o Projeto de Lei (PL) 5069/13, de autoria do próprio deputado, que altera a Lei de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual. O conjunto de alterações propostas criminaliza a propaganda, o fornecimento e a indução ao aborto e a métodos abortivos e estabelece que a mulher vítima de estupro procure uma delegacia e passe por um exame de corpo de delito antes de ser atendida pelo sistema público de saúde. Ainda tramitando pelo Congresso, se for aprovado, poderá criminalizar a pílula do dia seguinte, que é uma das medidas preventivas utilizadas, atualmente, em mulheres vítimas de estupro. O PL foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara no dia 21 de outubro de 2015.

No dia 28 de outubro, a manifestação de mulheres no centro do Rio de Janeiro, contra a aprovação da PL, culminou com a performance de uma mulher nua, em frente à Assembléia Legislativa. A performande foi realizada sobre uma bandeira roxa da Frente Contra Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto/RJ, um dos grupos feministas participantes da manifestação. Foto e vídeo da sua performance ganhou centenas de compartilhamentos nas redes sociais e até o momento não foi censurada.

Ao contemplar a foto desta mulher, é possível observar que ela utiliza uma espécie de touca na cabeça (figura 14); esse adereço, somada à compleição física, remete à Vênus de Willendorf (figura 1, p. 08). Uma das possibilidades de interpretação dessa obra é como símbolo da fertilidade. A semelhança estética com esta mulher, na manifestação carioca, é indiscutível. E, talvez, a semelhança não seja apenas estética. A sua performance foi tanto uma demonstração de força contra as atuais investidas de congressistas conservadores quanto

um momento de união das mulheres e apoio mútuo. Os seios desnudos, aqui, simbolizam a possibilidade de imensa força política, que busca a igualdade de direitos, o direito à saúde, à alegria, à plenitude. A seguir, trecho da fala dessa Vênus de Willendorf contemporânea, registrado em vídeo e compartilhado nas redes sociais:

“Eu sou a beleza. Eu sou a natureza. Eu sou livre. Eu sou forte. Eu sou mulher.”



Figura 14: Vênus de Willendorf contemporânea. Mídia Ninja (2015)

3. Mamilo Livre

São muitos os casos de seios desnudos censurados pelo Facebook, mas um recente projeto tem questionado os critérios sobre a nudez estabelecidos não só por esta rede social, mas pela sociedade: o *Mamilo Livre*. Nascido da união de duas iniciativas paralelas: o blog *Reflexões de uma lagarta*, com o texto intitulado Mamilo Livre, da autora do blog Letícia Bahia, paulistana de 31 anos, psicóloga pela PUC-SP e educadora em sexualidade pelo Instituto Kaplan. E também pelo projeto fotográfico *Pode não pode*, de Julia Rodrigues, de Niterói/RJ, 29 anos, fotógrafa que trabalha para as revistas Cosmopolitan, Elle, Vogue, Vip, Playboy, Claudia, entre outras. O projeto *Mamilo Livre* tem como objetivo abrir o debate e questionar a proibição do seio desnudo no espaço público. De acordo com as idealizadoras, a exposição do mamilo feminino é o maior problema, tanto nas redes sociais, quanto nas ruas.

3.1 As ações que deram origem ao *Mamilo Livre*

O projeto *Pode não pode* teve início em abril, no Facebook, como um experimento de Julia Rodrigues para constatar quais mamilos, femininos ou masculinos, a rede censuraria em suas fotos. A fotógrafa confirmou, então, que a maioria das fotos com os mamilos femininos expostos era denunciada por usuários ou não passava pelo crivo da própria rede social. Então, para buscar uma alternativa, partiu para um processo de manipulação da imagem: colocou mamilos femininos nos homens (figura 15) e mamilos masculinos nas mulheres (figura 16). Algumas fotos de homens com mamilos femininos foram removidas pelo Facebook, e as fotos de mulheres com mamilos masculinos não foram censuradas pela rede, permanecendo na página.



Figura 15: Projeto Pode não pode



Figura 16: Projeto Pode não pode

Fotos com mamilos alterados (figuras 17 e 18), desconfigurados de sua forma original, parecem também ter boa aceitação no Facebook, uma vez que as fotos não foram censuradas.



Figura 17: Projeto Pode não pode



Figura 18: Projeto Pode não pode

Como parte de suas pesquisas e também de suas experiências, as idealizadoras do projeto *Mamilo Livre* – Letícia Bahia e Julia Rodrigues – se dispuseram a posar para o *Pode não pode*. Parte dessas experiências veio em forma de relato, registrado na entrevista concedida à autora deste artigo, quando a fotógrafa Julia Rodrigues esclareceu que suas fotos com seios desnudos foi uma das primeiras a serem postadas na página do projeto no Facebook. Para tanto, ela avisou previamente o namorado, que disse: “tá bom, se vira aí, são teus peitos”. Após a publicação, Julia Rodrigues recebeu telefonema do pai, que assim se expressou: “Vai arrumar problema pra você, vão ficar vendo seus peitos na internet”.

Diante da reação de desaprovação do pai, Julia Rodrigues, que havia postado a foto sem tarja, porém com os seios dela em um torso masculino e vice-versa (figura 19), igualmente passou por um momento de questionamentos:

Então, rolou problema, timidez, depois começou um desapego, pensei: se eu quero que as pessoas fiquem mais tranquilas com isso, se eu quero que as pessoas posem, eu também preciso estar tranquila. Na verdade, a minha foi uma das montagens: eu postei foto minha com os peitos de um cara, e o cara com os meus peitos, uma do lado da outra. A imagem completa não tem, foi essa montagem. A minha imagem continua, claro, porque era eu com os mamilos masculinos. A montagem que tinha os meus peitos rodou em pouco tempo. Pra mim, é um problema. Eu fui num lugar que era permitido o topless e eu não consegui. Eu sou uma dessas pessoas que têm problema com isso. Tanto que minha amiga conseguiu e em vez de eu ficar feliz por ela e me libertar também, eu fiquei morrendo de vergonha; queria enfiar minha cabeça na areia, porque minha amiga estava de peito de fora do meu lado. Eu me envergonhei por ela. Eu, que estou entendendo isso, estudando isso, trabalhando com isso, lutando por isso, tenho vergonha? Então imagina quem não está nem pensando. Daí, realmente, é uma confusão mental.



Figura 19: Julia Rodrigues para o projeto Pode não pode

Para acompanhar a experiência vivencial de sua parceira de projeto, Julia Rodrigues, Letícia Bahia posou com os mamilos à vista. Mas para a página do projeto *Pode não pode* a foto publicada foi uma na qual ela utiliza um *TaTa Top* (figura 20), presente do namorado. Criado pelas feministas americanas Robyn Graves e Michelle Lytle, o biquíni tem estampado mamilos femininos, e é o símbolo do projeto com o mesmo nome – *TaTa Top* –, que também traz questionamentos acerca da proibição do topless nos Estados Unidos. A decisão por publicar a foto com o biquíni e não aquela com os seios expostos tinha um objetivo: verificar se o mamilo estampado no traje seria censurado pela rede. Até o momento não foi.

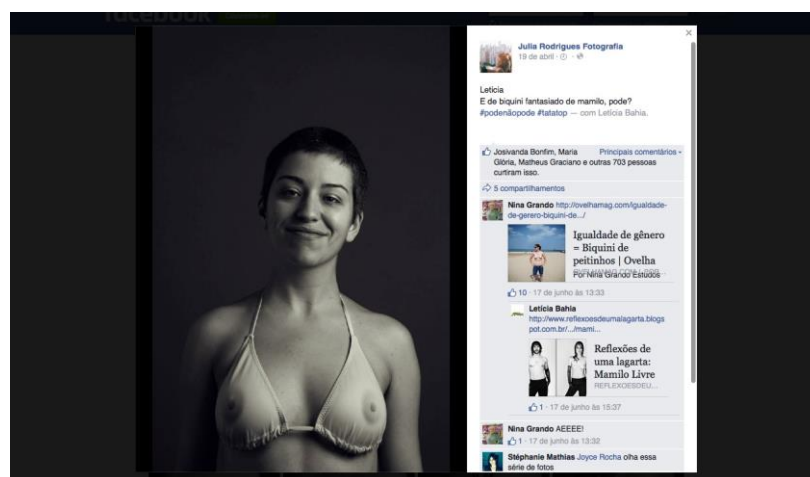


Figura 20: Letícia Bahia para o projeto Pode não pode

Em maio, o texto *Mamilo Livre*, escrito por Letícia e publicado em seu blog *Reflexões de uma lagarta*, traz o questionamento de tais restrições aos mamilos femininos. Cita a

Constituição Federal e destaca inciso I do artigo 5º, que diz “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, ressaltando que esse direito não é exercido na prática. O texto de Letícia Bahia denuncia o patriarcado e o machismo como canais de opressão e erotização dos seios femininos:

Diante da pergunta o patriarcado já começa a assobiar e fazer cara de paisagem, pressentindo que se aproxima o momento deste texto em que apontaremos sua culpa. Não há como escapar: é para os homens que nossos seios são depósito de desejos. E não me venham falar de lésbicas, que minoria oprimida não constrói *status quo* (embora possa colaborar na manutenção). O olhar masculino, então, se torna totalitário, e eu, mulher, também passo a compreender os seios como lugar erótico, mesmo não sendo erótico para mim. O lugar simbólico do mamilo feminino – e as condutas que daí derivam – definem-se, então, pelo olhar e pelo desejo do outro. As regras que ditam o que é ou não adequado para um corpo feminino são pautadas pela maneira como os homens o percebem. É tão didático, enquanto expressão do machismo naturalizado, que chega a ser bonito: a metade do mundo que não tem seios define como a metade do mundo que tem seios deve lidar com eles. E é tão eficaz que nós obedecemos sem questionar (BAHIA, 2015: trecho do texto Mamilo Livre extraído do blog *Reflexões de uma lagarta*).

A psicóloga Letícia Bahia conta que apesar de seu texto sobre mamilos ter sido acessado e lido, ela gostaria de expandir o debate, pois o blog trata de assuntos feministas e é naturalmente lido por pessoas que compartilham dos ideais feministas. Via-se, assim, “pregando para convertidos”. Então teve a ideia de intervir com “tetos em lambe nas ruas”, leia-se cartaz estilo lambe-lambe, para maior alcance de diversidade de público e acessibilidade ao tema. Foi nesse momento, então, que Letícia Bahia conheceu o projeto *Pode não pode*, por meio de sua página no Facebook, e contatou a fotógrafa Julia Rodrigues.

Tendo em vista os questionamentos em comum, Julia Rodrigues e Letícia Bahia consideraram conveniente unirem-se para articular a discussão sobre a proibição da exposição do mamilo feminino nas redes sociais e nas ruas. O texto de Letícia Bahia, que foi o disparador inicial, deu o nome ao projeto. Ambas as criadoras do projeto *Mamilo Livre* confirmam que ele é o resultado da somatória do blog *Reflexões de uma lagarta* e do projeto *Pode não pode*.

A escolha do nome do projeto não parece ter sido pautada apenas pelo fato do texto homônimo ter conquistado muitos leitores. As palavras – Mamilo Livre – trazem referência imediata aos seios femininos desnudos, que por sua vez, simbolizam a liberdade para a

mulher – a possibilidade de escolher o papel simbólico que desejar ao seus próprios seios –, e a igualdade em relação ao gênero masculino.

Thompson menciona que as formas simbólicas têm cinco características, uma delas é o aspecto *referencial*. Ele diz ainda que os nomes têm uma forte carga referencial e é possível explorar esse aspecto para que o nome detenha simbolismo, a exemplo do que foi realizado no nome do projeto *Mamilo Livre*. Thompson afirma que:

Ao destacar o aspecto *referencial* das formas simbólicas, desejo chamar a atenção não apenas para as maneiras como as figuras ou expressões fazem referência ou representam algum objeto, indivíduo ou situação, mas também para as maneiras pelas quais, tendo feito referência ou representado algum objeto, as formas simbólicas tipicamente dizem algo sobre ele, isto é, afirmam ou declaram, projetam ou retratam (2011: p 191).

3.2 Estratégias Mamilo Livre

O site do projeto Mamilo Livre foi lançado no dia 12 de setembro de 2015. Com todo seu conteúdo vertido para 14 idiomas, o site traz o manifesto *Mamilo Livre*, no qual as idealizadoras detalham as razões pelas quais todos os mamilos devem ser libertados. O texto cita a igualdade de direitos e obrigações de homens e mulheres; a livre escolha do indivíduo em exibir seus mamilos; ressalta que ninguém precisa ter vergonha de seus próprios mamilos nem em relação aos dos outros; exalta a diversidade entre os mamilos; questiona a totalidade do aspecto sexual do mamilo e destaca a soberania do indivíduo perante o próprio corpo.

O projeto *Mamilo Livre* parte de duas frentes para promover o debate sobre os mamilos. A primeira se constitui do tutorial, com fotos de diferentes torsos femininos e masculinos com mamilos expostos (figuras 21 e 22), disponíveis para download no site, instruindo o seu uso para intervenção urbana em forma de lambe-lambes. O intuito do projeto é expandir para as ruas o debate que começou na internet. A diversidade na escolha dos torsos estampados nos lambes foi uma das preocupações das idealizadoras, que querem destacar a diversidade estética dos corpos, sem a submissão aos padrões estéticos de beleza estabelecidos pela sociedade: seios brancos, jovens, redondos e de mamilos pequenos, utilizando para isso os lambes. Acerca da diversidade proposta pelo projeto, Letícia Bahia afirma que:

Isso foi uma obsessão minha no projeto e o resultado final ainda não me satisfaz plenamente. Já temos uma foto de um peito mais velho, de uma mulher de 68 anos, mas é um peito lindo porque ela tem silicone. Eu não abria mão de que metade das pessoas fotografadas – são 12 fotos na rua – fosse negra, porque essa é a proporção aproximada – 51% – da população brasileira. Eu queria que tivesse diversidade etária e que as pessoas, com seus diversos corpos, olhassem para o projeto e se vissem nele. Não queria que fosse um monte de “peitinho gatinho”.

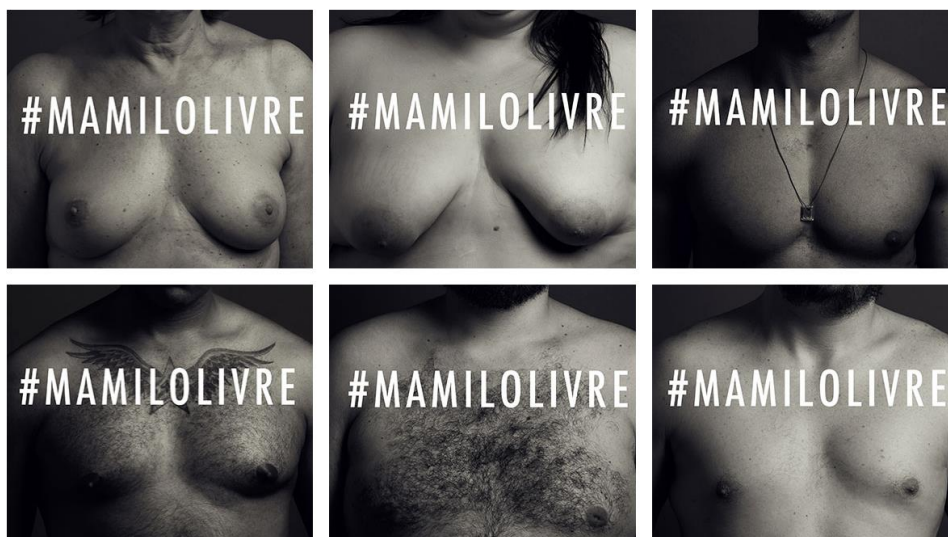


Figura 21: Fotos para lambe-lambes Mamilo Livre



Figura 22: Fotos para lambe-lambes Mamilo Livre

A segunda frente de atuação do projeto se constitui da criação de uma petição online, disponível no Avaaz e aberta para assinaturas desde o dia 15/09/15. O Avaaz é uma rede que congrega ativistas do mundo todo, com o objetivo de apoiar mobilizações sociais, tornando disponível uma ferramenta para a criação de petições online.

A ação do *Mamilo Livre* pede a liberação dos mamilos femininos no Facebook; o documento online já conta com cerca de 3.100 assinaturas e pretende chegar a 5.000 assinaturas. Letícia Bahia explica que a petição tem como objetivo fazer o tema virar notícia. Eventualmente, a ação pode ter repercussão na mídia, impactar de forma negativa o nome da empresa – o Facebook –, inclusive, comprometendo os lucros dos acionistas e, dessa forma, obrigando a um novo posicionamento ou alteração nas políticas de publicação.

3.3 Desafios Mamilo Livre

O projeto *Mamilo Livre* se identifica com os ideais feministas. Ainda não possui características de movimento, pois a sua capacidade de mobilização é reduzida em função das atividades recém iniciadas. Porém suas idealizadoras acompanham movimentos como os norte-americanos *Free The Nipple*, *TaTa Top* e *GoTopless*. Para promover o debate acerca da questão de gênero e a proibição restrita ao mamilo feminino, até por se tratar de um projeto imagético, a dupla tem encontrado obstáculos em utilizar o Facebook como canal de divulgação, pois recebem “castigos” – expressão utilizada pelas idealizadoras –, como bloqueio do acesso à página por um determinado período, quando divulgam fotos dos lambe-lambes do projeto nas ruas. Júlia Rodrigues afirma ter sido bloqueada por causa da publicação da foto dos lambe-lambes fixados nos muros, que ela caracteriza como a “foto da foto da foto” de um mamilo: o bloqueio inicial durou seis horas; o segundo bloqueio, um dia todo. Letícia Bahia sofreu sucessivos bloqueios, cujas durações foram aumentando: um dia, três dias, uma semana, um mês.

Letícia Bahia explica que o mapeamento do Facebook para encontrar seios desnudos – ou mamilos – pode ser realizado sem a necessidade da intervenção humana, feito através do reconhecimento algorítmico, o mesmo sistema usado pela rede para o reconhecimento de rostos. Esse sistema pode ser burlado quando o seio se desconfigura da forma original, como já explicado. Além da utilização do algoritmo, a rede também mapea as postagens “indevidas” por meio de denúncias dos próprios usuários. Uma avaliação final do Facebook decidirá sobre a permanência ou não da foto. Letícia Bahia ressalta que por se tratar de uma empresa privada, as regras e políticas de publicação atendem somente aos interesses da rede.

Ainda acerca desta questão pontual da permanência ou não de uma foto que foi denunciada, Julia Rodrigues cita a reportagem *Como o Facebook decide o que fica na rede e o que deve ser deletado*, publicada em 8 de outubro deste ano, pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Nela, a executiva responsável pela equipe global de revisores do Facebook, Mônica Bickert, justifica a restrição a fotos com nudez como medida de segurança contra possíveis casos de *revenge porn*, ou vingança pornô. Vale ressaltar que, na reportagem, há uma afirmação de Bickert de que existe uma equipe no Brasil para análise dos casos de denúncia e censura locais.

Outras redes sociais também são bem conservadoras em relação ao mamilo feminino. Júlia Rodrigues conta que na rede de fotos Instagram, quando uma foto é considerada imprópria, o usuário é retirado do ar temporariamente, a exemplo do que ocorre no Facebook. Se houver reincidência, o usuário pode ter a conta apagada. Ela comenta o caso da cantora pop barbadiana Robyn Rihanna Fenty: “perdeu a conta com trezentos mil seguidores e teve de abrir outra depois”. O erro da cantora foi postar foto dela mesma com os mamilos à mostra, portanto, lembra Júlia Rodrigues, a justificativa nem mesmo pode ser a prevenção ao *revenge porn* ou vingança pornô. O motivo foi outro: “eles falam que não pode (mamilo exposto) porque faz parte do contrato da Apple, que não pode ter pornografia”. Leticia Bahia explica que tanto a Apple quanto o Facebook – “conglomerados de tecnologias” – têm justificado a censura severa aos mamilos para que as imagens possam ser veiculadas em todos os seus aplicativos.

Observa-se o poderio dessas plataformas em pautar a produção de bens culturais como registrado no caso da cantora Juçara Marçal. Leticia Bahia e Julia Rodrigues chegaram a cogitar a possibilidade de não utilizar o Facebook como canal de divulgação, pelos motivos já citados. Então, tentaram utilizar redes mais liberais como é o caso do Tumblr, onde o “mamilo é livre”, mas constataram que não atingiriam o número de seguidores desejado para promover e divulgar as ações do projeto. Elas contam que desde a criação do projeto até agora, a página do Tumblr tem cerca de 30 seguidores, enquanto a página do projeto no Facebook, no terceiro dia do perfil lançado, já atingira mais de mil curtidas. Atualmente, a página do projeto no Facebook tem cerca de 1.800 seguidores.

É interessante destacar a observação de Letícia Bahia quanto à presença de nus masculinos na rede, que não sofrem censura, sobretudo quando utilizados em peças publicitárias. Ao se deparar com um vídeo publicitário alemão, vendendo giletes, que trazia cenas com um homem nu, ela procedeu à denúncia. Após análise, a resposta do Facebook foi: “essa publicação está de acordo com as nossas normas...”.

Um dos desafios das idealizadoras do *Mamilo Livre* é tornar o projeto autônomo e independente do Facebook. Elas têm recebido muitos pedidos de permissão para o uso das fotos, o que é um problema, pois se constata que os seguidores não têm conhecimento do site oficial do projeto, onde se encontra disponível o tutorial para o acesso aos lambe-lambes, ou seja, para as próprias fotos dos mamilos nus, que, portanto, lá, no site, não são censuradas.

Letícia Bahia e Júlia Rodrigues relacionam essa dificuldade de direcionamento para o site oficial ao fato da rede, atualmente, ser um dos principais canais de informação, por meio da qual os sites noticiosos também fazem uso e divulgam seus textos, artigos e reportagens. Aliás, esse fato se torna mais um problema para o *Mamilo Livre*. Sites de conteúdo jornalístico que realizaram reportagens sobre o projeto ou entrevistas com suas idealizadoras acabaram também censurando as fotos para não serem bloqueados pelo Facebook. Como foi o caso do site *Catraca Livre*, que cobriu com tarja preta os mamilos das fotos do projeto para não terem sua página bloqueada.

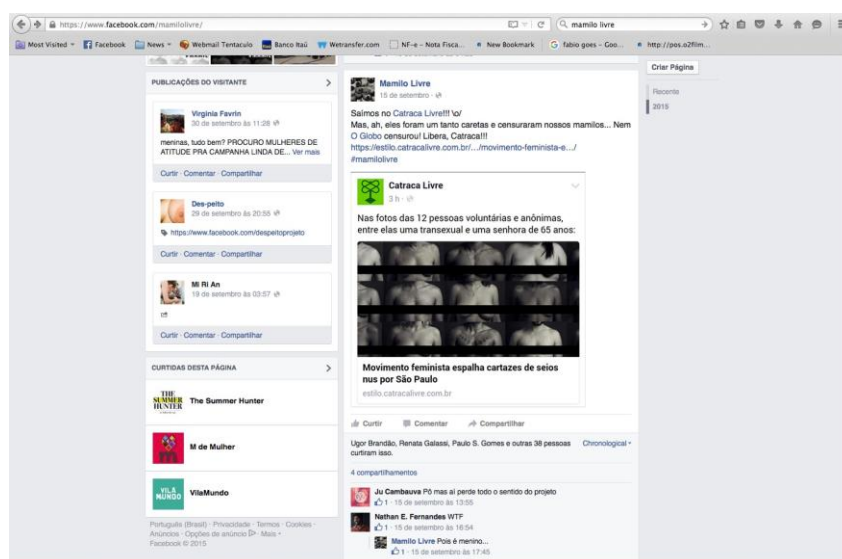


Figura 23: Post Catraca Livre sobre o Mamilo Livre

3.4 Mamilo Livre nas ruas

Apesar das reiteradas censuras, as idealizadoras reconhecem as redes sociais como importante ferramenta de disseminação, sobretudo pelo fácil acesso de mensuração aos resultados de impacto do projeto em curtidas e seguidores. Entretanto, Letícia Bahia e Julia Rodrigues reforçam que o principal objetivo do projeto é a disseminação das intervenções dos lambe-lambes nas ruas. O foco é o transeunte, o espectador, e não os modelos dos lambes com os mamilos expostos. A dupla de idealizadoras acredita que por meio dessas intervenções com os lambe-lambes na rua seja possível alcançar uma naturalização em relação à exposição do seio desnudo e dos mamilos, já que a intervenção proporciona a constante visualização.

Com essa estratégia de lambe-lambes nas ruas, pode-se identificar outra característica distinguida por Thompson para as formas simbólicas: o aspecto *intencional*. Ao saírem para as ruas, Julia Rodrigues e Letícia Bahia tinham claramente seus objetivos traçados:

Isto é, as formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando certos objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele “quer dizer” ou “tenciona” nas e pelas formas assim produzidas. O sujeito-produtor também tenta expressar-se para um sujeito ou sujeitos que, ao perceber e interpretar as formas simbólicas, percebem-nas como a expressão de um sujeito, como uma mensagem a ser entendida (THOMPSON, 2011: p. 185 e 186).

Uma vez que a idéia do projeto é atingir o espectador e não tem relação direta com as pessoas fotografadas, os rostos são cortados. Mas a principal razão para esse corte é dificultar a identificação de gênero. As fotos com os mamilos femininos e masculinos são coladas juntas, formando painéis de 12 ou mais fotos. Letícia Bahia afirma que o objetivo é “mostrar o quanto, na verdade, os mamilos femininos e masculinos são parecidos”. Dessa maneira, elas articulam a forma simbólica relacionando as fotos entre si. A essa articulação, Thompson chama de *aspecto estrutural*: “Estes elementos e suas interrelações compõem uma estrutura que pode ser analisada formalmente, da mesma maneira, por exemplo, que se pode analisar a justa posição de palavras e de imagens em uma figura ou estrutura narrativa de um mito” (2011: p. 185).

Até início de novembro, há dois meses no ar, os lambes alcançaram, além da Zona Oeste e Centro da capital paulistana (figura 24), locais em Brasília (figura 25) e no Rio de

Janeiro (figura 26). É possível que tenham sido feitas intervenções em outras cidades, mas ainda não foram comunicadas às idealizadoras.

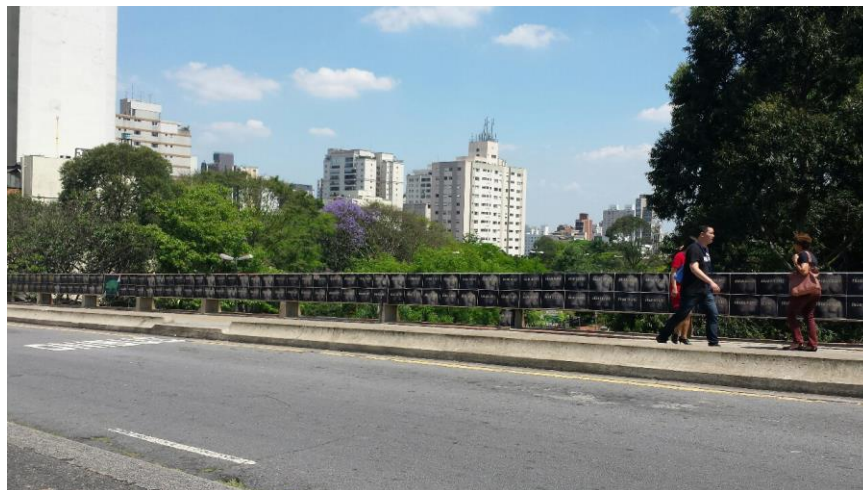


Figura 24: Mamilo Livre no viaduto da Oscar Freire/SP



Figura 25: Mamilo Livre Brasília



Figura 26: Mamilo Livre Rio de Janeiro

As reações dos transeuntes aos cartazes só são percebidas pelas idealizadoras no momento da colagem, não sendo possível saber das mesmas em outros momentos. Entretanto, foi possível constatar que alguns lambes do projeto receberam intervenções, conforme relato de Julia Rodrigues:

A gente está tentando acompanhar. Há pessoas fazendo coisas em cima dos lambe-lambes. Tem um que desenhou, botou sutiãs nos homens, camisa nas mulheres e tampou os peitos de todo mundo. Teve outro que botou um lambe-lambe bem do lado, escrito “desapegue da ideia de quem você é”. Teve outro que era um dragão incrível!

Esse fato relatado por Júlia tem um caráter otimista, uma vez que constata que aconteceu uma interatividade entre a proposta do projeto e o espectador. Letícia Bahia relata na entrevista que muitas vezes as pessoas não percebem a presença dos mamilos femininos nos lambe-lambes colados em ruas e postes. Não se sabe se esses transeuntes exergam os mamilos, mas não se importam, ou simplesmente não percebem a presença deles, talvez porque estejam distraídos – com o celular na mão, por exemplo – ou já anestesiados pela poluição visual do centro urbano. Considerando que os mamilos femininos expostos nos lambe-lambes se configuram como uma forma de transgressão às normas vigentes, pode-se interpretar uma das intervenções realizadas pelos transeuntes como um reforço à essa transgressão ao expressar a inversão de gêneros: sutiã nos homens, camisa nas mulheres. Nos lambe-lambes, os mamilos de homens e mulheres são retratados nus, evidenciando a

semelhança no âmbito biológico; o sutiã e a camisa inauguram, naqueles lambe-lambes, o âmbito cultural, no qual os gêneros são contruídos. Essas intervenções do espectador apontam para a existência de alguma reflexão e sua conseqüente reação.

4. Considerações finais

Esse trabalho tem como objetivo investigar os papéis simbólicos dos seios desnudos na sociedade brasileira urbana contemporânea. Para tanto, realizei um breve histórico, no qual foi possível detectar que as simbologias dos seios desnudos foram manipuladas na sociedade ocidental, a partir da Idade Média, com objetivos sociais e políticos. De lá para cá, todo o contexto histórico está ancorado no patriarcado, e, nele, o corpo da mulher serve às demandas masculinas. Uma destas demandas é a erotização dos seios desnudos.

Foi possível constatar que o papel erótico dos seios desnudos é o mais proeminente na cultura urbana brasileira. Essa constatação se dá a partir da percepção da repressão a que a exposição pública dos seios desnudos está sujeita. Como se estes ainda fossem um perigo à ordem e à moral vigentes. Por outro lado, quando expostos, na maioria das vezes, o são em contextos depreciativos, utilitários, enfim, não libertários. Quando Yalom descreve os papéis do seio desnudo feminino, por volta do século XVI, ela parece tecer uma imagem da segunda década do século XXI:

O seio tornou-se mais um objeto de conquista por parte dos homens empreendedores, mais um objeto a tirar das mãos dos sacerdotes e pregadores, para não falar da mulheres e dos bebês. Reis, cortesãos, pintores, poetas, exploradores e pornógrafos – todos julgavam ter direito sobre o seio. Cada um se via a si mesmo, de algum modo, como seu dono. [...] A mão no seio – um motivo comum na arte renascentista – revelava o sentido da posse que os homens consideravam ser-lhes devida (1997: p. 110 e 111).

A partir daí, é possível entender a demanda trazida pelos movimentos feministas e os que defendem o aleitamento materno, que insistem na exposição pública dos seios femininos e, aqui, seu papel simbólico assume a própria luta pela desvinculação de seu estrito papel erótico. Na verdade, não se trata de negar o erotismo, mas sim, trata-se da possibilidade da própria mulher determinar qual papel simbólico ela deseja que seus seios e seu corpo assumam, em quais situações, e a partir de suas próprias demandas. Esses movimentos feministas descritos no histórico, assim como muitos outros existentes e não relatados nesse artigo, têm papel fundamental, segundo Chauí:

De modo geral, os estudos sobre a sexualidade no Brasil, quando feitos por movimentos sociais, apresentam duas características principais: a crítica (do machismo, do racismo, das discriminações sociais) e a reivindicação de direitos. Essa reivindicação é de grande

importância não só por indicar nova atitude face a diferentes formas de dominação, mas também porque, num país como o Brasil, lutar por direitos é colocar no espaço público aquilo que tende a permanecer aceito como violência natural ou imperceptível pelo confinamento ao espaço privado (1984: p. 224).

A entrevista com as idealizadoras do projeto *Mamilo Livre* traz esse tema de forma bastante pontual, ao se confrontar com a política de publicação de imagens do Facebook, rede social que atinge cerca de 47 milhões de pessoas por dia, no Brasil, e é um importante canal para formação de opinião.

Duas frases das entrevistadas sintetizam o tratamento que essa rede social oferece aos seios desnudos, mais apropriadamente, aos mamilos femininos. Letícia Bahia afirma que “no Facebook, os peitos têm de estar doentes para serem exibidos”. Júlia Rodrigues reitera: “quando o mamilo está na sua configuração original de peito, ele é proibido, mas, se tirar o mamilo e botar no olho e o olho botar no peito, pode. Se você recortar todo o peito pode”.

As criadoras do *Mamilo Livre* estão alinhadas aos objetivos dos movimentos feministas no mundo todo: a luta pela libertação do corpo da mulher, pautada pela igualdade de direitos. Sendo assim, uma vez que os homens expõem livremente seus mamilos e não existem aspectos eróticos atrelados aos mamilos masculinos, a ideia é a de que se desconstrua esse aspecto erótico relacionado aos mamilos femininos e que estes possam, então, ser expostos livremente. Uma das estratégias é justamente a exposição constante dos mamilos femininos, nas suas mais diversas formas, cores e estéticas, o que poderá incorrer numa naturalização dessa exposição.

Em relação às intervenções urbanas com os lambe-lambes, os resultados amplificados ainda são incipientes, pois o projeto ainda é recente e a colagem de cartazes ocorreu em poucos espaços de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Outras considerações também são possíveis a partir da entrevista realizada com as idealizadoras do projeto. Especificamente sobre a rede social Facebook, as entrevistadas não se cansam de tecer críticas e deixam entrever um fenômeno que certamente intriga os que pesquisam a mídia: o crescente poderio desta rede, na qual não se pode discernir quem pauta o quê e quem. O fato é que quando se tem bens culturais nacionais com divulgação censurada

por empresa norte-americana, sem análise mais aprofundada, está em risco a própria identidade cultural do povo brasileiro.

Daí a importância de projetos como o *Mamilo Livre*, que expõe esse poder, embora não seja este o objetivo do projeto. De acordo com Letícia Bahia, criar uma página no Facebook sequer foi cogitada na gênese do projeto. Quando perceberam que o uso do Facebook era inevitável, providenciaram a página. Aos poucos, com as reiteradas censuras e o crescente número de seguidores da página, as idealizadoras se viram envolvidas de maneira excessiva com essa rede, que tem suas regras próprias. “Estamos com a síndrome de Estocolmo”, disse Julia Rodrigues numa referência a sequestrados que se envolvem afetivamente com seus algozes.

De fato, o que existe são convenções a serem seguidas. O Facebook é um ambiente virtual, aparentemente democrático, “um espelho da sociedade”, portanto exigindo regras de convívio social, como no mundo real. Thompson elenca também como característica das formas simbólicas o aspecto *convencional*, no qual “a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos” (2011: p. 185). Ocorre que ao vincular tão estreitamente o projeto ao Facebook, incide sobre as ações dois sistemas de convenções, o da sociedade propriamente e o da empresa que mantém esta rede, sendo que no segundo caso, as convenções atendem aos interesses de um grupo de acionistas.

Talvez seja necessário que as idealizadoras aceitem as convenções estabelecidas pela rede e planejem de maneira mais efetiva a comunicação, utilizando a ferramenta que as censuram, fazendo uso mais eficaz da interatividade: conexão virtual com movimentos feministas locais similares, curtindo suas páginas, eventos e campanhas. Também ampliar a divulgação do site em perfis em canais internacionais, até para justificar o fato de o seu conteúdo ser vertido para 14 idiomas. Eventualmente, esse confronto virtual contra essa espécie de Matrix que é o Facebook possa ocorrer, entretanto, não deverá se transformar em bandeira do projeto, sob pena de se distanciar do objetivo inicial.

Ainda utilizando o Facebook, é possível articular a discussão em outros espaços cibernéticos, conseguindo fazer migrar usuários para um território mais livre, como é o próprio site oficial do projeto. Embora o site seja uma ferramenta importante por, inclusive, manter publicado o tutorial que oferece as fotos para os lambe-lambes, também não será neste território que o projeto se desenvolverá. Como as próprias idealizadoras afirmam, o lugar do *Mamilo Livre* é nas ruas.

Pode-se identificar no projeto *Mamilo Livre* o discurso político que quer evidenciar a diversidade dos corpos, inclusive, com a preocupação de fotografar seios negros na proporção de 50% do total de fotos realizadas, acompanhando, assim, o percentual da população negra existente no Brasil. Por outro lado, elas não parecem acertar na linguagem para acessar essa mesma população. A dificuldade de se aproximar desse público é identificado pelas próprias idealizadoras, ao longo da entrevista.

Dentre as características das formas simbólicas concebidas por Thompson, está o aspecto *contextual*, que pode explicar esse distanciamento entre o *Mamilo Livre* e os movimentos feministas negros. Thompson diz que:

O que essas formas simbólicas são, a maneira como são construídas, circulam e são recebidas no mundo social, bem como o sentido e o valor que elas têm para aqueles que as recebem, tudo depende, em certa medida, dos contextos e instituições que as geram, medeiam e mantêm. Assim, a maneira como um discurso é interpretado por indivíduos particulares, sua percepção como um “discurso” e o peso a ele atribuído estão condicionados ao fato de que essas palavras foram expressas por esse indivíduo, nessa ocasião, nesse ambiente [...]” (2011: p. 192).

Alcançar a diversidade almejada no projeto e compor os 50% de representatividade de homens e mulheres negras no *Mamilo Livre* dependerá de amadurecimento do projeto, sobretudo de uma estratégia na qual as idealizadoras articulem suas presenças nos espaços concretos de militância negra.

Por fim, é possível dizer que os movimentos feministas que envolvem a exposição do seio desnudo, ocorridos nas últimas décadas nos espaços urbanos, mais especificamente no eixo Rio-São Paulo, colaboram para a ressignificação do papel simbólico do seio feminino. E contribuem efetivamente para a reflexão acerca do machismo na sociedade patriarcal. Mas

não se pode esperar deles resultados efetivos a curto prazo. Estes movimentos ganham a mídia e contribuem de maneira indireta para a visibilidade de outras pautas feministas.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**, Coleção Primeiros Passos; 20. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida**. Coleção Leituras afins; 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

ORTIZ, Renato. **A Consciência fragmentada**. Coleção Pensamento Crítico; v. 41. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

YALOM, Marilyn. **História do Seio**. Coleção Teorema Série Especial, Lisboa: Ed. Teorema, 1998.

5.1 Webgrafia

BANDEIRA, Lourde. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006.** Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/04.pdf>, acessado em 11/07/15.

BERGAMO, Maysa. **O feminino na antiguidade.** Disponível no site <http://www.univar.edu.br/downloads/FEMININONAANTIGUIDADE.pdf>, acessado em 29/07/15.

FERREIRA, Jonatas & SILVA, Antônio Ricardo. **A experiência contemporânea da nudez.** Disponível no site <https://rccs.revues.org/4055>, acessado em 13/08/15.

GOLDBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira.** Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a06.pdf>, acessado em 13/07/15.

GOMES, Carla & SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: A Marcha das vadias no Brasil.** Disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000200007&script=sci_arttext, acessado em 30/08/15.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências.** Ed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro: Best Seller, 2007. Disponível no site <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/lins-r-a-cama-na-varanda.pdf>, acessado em 12/10/15.

PEREIRA, Gilza Sandre. **Amamentação e Sexualidade.** Disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200007, acessado em 09/07/15

ROGRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero.** Disponível no site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext, acessado em 05/07/15.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>, acessado em 05/07/15.

Fonte: Blog Eduardo Melander Filho. **As Vênus Esteatopíguas**, publicado em 10/07/09. Disponível no site <http://edmelander.blogspot.com.br/2009/07/as-venus-esteatopigias.html>, acessado em 20/10/15.

Fonte: Código Penal Brasileiro. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm, acessado em 12/10/15.

Fonte: SPREJER, Pedro. Peitando a moral: por que o topless ainda causa mal estar e é reprimido pelo estado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 dez. 2013. Rio. Disponível no site <http://oglobo.globo.com/rio/peitando-moral-por-que-topless-ainda-causa-mal-estar-e-reprimido-pelo-estado-10920313>, acessado em 07/07/15.

Fonte: Da redação. Toplessaço atrai pouca manifestantes na praia de Ipanema. **O Tempo**, publicado em 21 dez. 2013. Disponível no site <http://www.otempo.com.br/capa/brasil/toplessa%C3%A7o-atrai-poucas-manifestantes-na-praia-de-ipanema-1.764356>, acessado em 07/07/15.

Fonte: PL 623/2013. Disponível no site <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1316.nsf/249cb321f17965260325775900523a42/4092f124984624af03257c38005b2982?OpenDocument>, acessado em 12/10/15.

Fonte: CAITANO, Adriana. Mães promovem amamentação coletiva em espaço cultural. **Veja Abril**, publicado em 12 mai. 2013. Brasil, Cidades. Disponível no site <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/maes-promovem-mamaco-em-espaco-cultural-de-sp/>, acessado em 07/07/15.

Fonte: BALOGH, Giovanna. Mãe diz que foi impedida de amamentar a filha em espaço infantil do Sesc. **Folha de S. Paulo**, publicado em 14 nov. 2013. Maternar. Disponível no site <http://maternar.blogfolha.uol.com.br/2013/11/14/mae-diz-que-foi-impedida-de-amamentar-a-filha-em-espaco-infantil-do-sesc/>, acessado em 07/07/15.

Fonte: MENDES, Letícia. Mulheres realizam mamaço no MIS após mãe ser proibida de amamentar. **G1**, São Paulo, 16 fev. 2014. Notícia. Disponível no site <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/02/mulheres-realizam-mamaco-no-mis-apos-mae-ser-proibida-de-amamentar.html>, acessado em 07/07/15.

Fonte: LISAUSKAS, Rita. Mãe afirma ter sido constrangida ao amamentar em exposição de Ron Mueck na Pinacoteca. **O Estado de São Paulo**, publicado em 28 jan. 2015. Blogs Ser mãe é padecer na internet. Disponível no site <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ser-mae/mae-afirma-ter-sido-constrangida-ao-amamentar-em-exposicao-de-ron-mueck-na-pinacoteca/>, acessado em 07/07/15.

Fonte: Marcha das Vadias Sampa. Disponível no site <https://marchadasvadiassp.milharal.org/>, acessado em 30/08/15.

Fonte: Página do Facebook, Marcha das Vadias Sampa. Disponível no site <https://www.facebook.com/MarchaDasVadiasSP>, acessado em 30/08/15.

Fonte: Redação. Censura do Facebook gera onda de apoio à cantora Karina Buhr. **G1**, Pernambuco, 19 set. 2015. Notícia. Disponível no site <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/09/censura-de-rede-social-gera-onda-de-apoiocantora-karina-buhr.html>, acessado em 13/10/15.

Fonte: Redação. Facebook gera onda de apoio à cantora Karina Buhr. **G1**. São Paulo 17 set. 2015. Música. Disponível no site <http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/09/facebook-apaga-foto-de-karina-buhr-e-ministerio-da-cultura-diz-ser-censura.html>, acessado em 13/10/15.

Fonte: Site MinC, nota publicada em 19 set. 2015. Facebook censura página da SCDC. Disponível no site http://www.cultura.gov.br/busca?p_p_auth=nxUVfwg3&p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=1292163&_101_type=content&_101_groupId=10883&_101_urlTitle=facebook-censura-fanpage-da-scdc-do-

http://www.cultura.gov.br/busca/?p_id%3D3%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dmaximized%26p_p_mode%3Dview%26_3_groupId%3D0%26_3_keywords%3Dkarina%2Bbuhr%26_3_struts_action%3D%252Fsearch%252Fsearch%26_3_redirect%3D%252Fbusca, acessado em 26/10/15.

Fonte: LEAL, Aline. EBC. Ministério da Cultura aciona Facebook por censurar foto de casal indígena. **EBC Agência**, Brasília, 17 mai. 2015. Cultura. Disponível no site <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/ministerio-da-cultura-aciona-facebook-por-censurar-foto-de-casal-indigena>, acessado em 20/10/15.

Fonte: Assessoria de Comunicação, Ministério da Cultura. Foto censurada pelo Facebook volta a ser incluída na página do MinC. Publicado em 17 abr. 2015. Disponível no site http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/id/1248644, acessado em 20/10/15.

Fonte: Redação. “Pílula fica, Cunha sai”: A mobilização de internautas contra o PL de Eduardo Cunha. **Revista Fórum**, publicado em 22 out. 2015. Disponível no site <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/10/pilula-fica-cunha-sai-a-mobilizacao-de-internautas-contr-o-pl-de-eduardo-cunha/>, acessado em 30/10/15.

Fonte: SETA, Isabela; BARBON, Julia. Usuários tentam reverter censura a mamilos no Facebook. **Folha de S. Paulo**, publicado em 12 out. 2015. Disponível no site <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/10/1692476-usuarios-tentam-reverter-censura-a-mamilos-no-facebook.shtml>, acessado em 29/10/15.

Fonte: Financial Times. Facebook proíbe nádegas inteiras, mamilos e relatos ‘vívidos’ de sexo. **Folha de S. Paulo**, publicado em 16 mar. 2015. Disponível no site <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/03/1603554-facebook-proibe-nadegas-inteiras-mamilos-e-relatos-vivid-os-de-sexo.shtml>, acessado em 29/10/15.

Fonte: MAIA, Felipe. Como o Facebook decide o que fica na rede e o que deve ser deletado. **Folha de S. Paulo**, publicado em 08 out. 2015. Disponível no site

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/10/1691466-como-o-facebook-decide-o-que-fica-na-rede-e-o-que-deve-ser-deletado.shtml>

Fonte: BAHIA, Letícia. Blog Reflexões de uma lagarta, texto Mamilos Livres publicado em 18 abr. 2015. Disponível no site <http://reflexoesdeumalagarta.blogspot.com.br/2015/05/mamiloslivres.html>, acessado em 23/10/15.

Fonte: RODRIGUES, Julia. Projeto Pode não pode. Disponível no site <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.768369123279093.1073741854.372029299579746&type=3>, acessado em 14/07/15.

Fonte: Site oficial projeto Mamilos Livres. Disponível no site <http://www.mamiloslivres.com/>, acessado em 08/10/15.

Fonte: Página oficial no Facebook do projeto Mamilos Livres. Disponível no site https://www.facebook.com/mamiloslivres/info/?tab=page_info, acessado em 08/10/15.

Fonte: Avaaz. Petição online criada pelo Mamilos Livres: “Facebook: chega de proibir os mamilos femininos”. Disponível no site https://secure.avaaz.org/po/petition/Facebook_Facebook_chega_de_proibir_os_mamilos_femininos, acessado em 15/10/15.

Fonte: Constituição Federal. Disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, acessado em 18/10/15.

Fonte: Site oficial do biquíni TaTa Top. Disponível no site <https://thetatatop.com/>, acessado em 06/08/15.

Fonte: LELOUP, Damien. Apple se abre “timidamente” para o sexo e para a nudez. **Uol Notícias**, Tecnologia, publicado em 12 jun. 2015. Disponível no site

<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/12/apple-se-abre-timidamente-para-o-sexo-e-para-a-nudez.htm>, acessado em 03/11/15.

Fonte: Projeto Nip Slip, artista Claire van der Mee. Disponível no site <http://nipplenipplenipple.tumblr.com/>, acessado em 04/11/15.

6. Índice de figuras

Figura 1: Vênus de Willendorf, pág. 8:

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Willendorf, acessado em: 23/07/15.

Figura 2: Deusa Pótnia, pág. 9:

Disponível em: <http://www.acemprol.com/no-principio-eram-as-deusas-t8309.html>, acessado em 12/10/15.

Figura 3: Tavant, França, pág. 10:

Disponível em: <https://www.studyblue.com/notes/note/n/arth-3009-study-guide-2012-13-bartoli/deck/9720358>, acessado em 20/09/15.

Figura 4: A Liberdade Guiando o Povo, Eugène Delacroix (1830), pág. 13:

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Liberdade_Guiando_o_Povo#/media/File:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg, acessado em 12/10/15.

Figura 5: H. R. Hopps (1914), pág. 14:

Disponível em: <http://mikelanceworldhistory.wikispaces.com/World+War+I>, acessado em 12/10/15.

Figura 6: Frederico Mendes (1972), pág. 17:

Disponível em: https://www.flickr.com/photos/frederico_mendes/72820181/, acessado em 16/10/15.

Figura 7: BERTOLA, Alexandra. O topless aparece (às vezes) em Ipanema (ou: muito barulho por nada). **O Globo**, Acervo, Rio de Janeiro, 01 nov. 1979. Matutina, Cultura. Entrevista Patrícia Casé. pág. 83:

Disponível em:

<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=topless+patr%C3%ADcia+cas%C3%A9>, acessado em 03/10/15.

Figura 8: Da Redação. Duas moças de ‘topless’ agredidas em Ipanema. **O Globo**, Acervo, Rio de Janeiro, 13 fev. 1980. Matutina, Rio. Págs 84 e 85:

Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=topless>, acessado em 03/10/15.

Figura 9: MARQUEIRO, Paulo. Áreas exclusivas para topless. **O Globo**, Acervo, Rio de Janeiro, 18 jan. 2000. Matutina, Rio. pág. 86 e 87:

Disponível em:

<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=1&ordenacaoData=relevancia&allwords=TOPLESS&anyword=&noword=&exactword=>, acessado em 03/10/15.

Figura 10: GARCIA, R.; HELENA, L.; MEROLA, E; SCHIMDT, S. Topless liberado. **O Globo**, Acervo, 19 jan. 2000. Matutina, Rio. pág. 88:

Disponível em:

<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=1&ordenacaoData=relevancia&allwords=TOPLESS&anyword=&noword=&exactword=>, acessado em 03/10/15.

Figura 11: Capa Selvática. Karina Buhr (2015), pág 27.

Fonte: Site oficial Karina Buhr. Disponível em: <http://www.karinabuhr.com.br/discos>, acessado em 19/10/15.

Figura 12: Casal de índios Botocudos. Walter Garber (1909), pág 28.

Fonte: Página do MinC no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/MinisterioDaCultura/posts/658739490897985>, acessado em 28/10/15.

Figura 13: Capa álbum, Encarnado. Juçara Marçal (2015), pág 28.

Fonte: Uol, matéria publicada dia 03/06/15. Disponível no site <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/06/03/loja-virtual-da-apple-se-nega-a-vender-album-brasileiro-com-mamilos-na-capa.htm#fotoNav=7>, acessado em 19/10/15.

Figura 14: Vênus de Willendorf contemporânea (2015), pág 30:

Fonte: Jornalistas Livres, disponível no site <https://medium.com/jornalistas-livres/tire-o-cunha-do-corpo-das-mulheres-do-brasil-e5e8da3cd41#.kz072nbgd>, acessado em 29/10/15.

Figuras 15, 16, 17, 18, 19 e 20: Fotos projeto Pode não Pode, págs 31, 32, 33, 34:

Fonte: Pode não pode, disponível no site <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.768369123279093.1073741854.372029299579746&type=3>, acessado em 01/11/15.

Figuras 21 e 22: Fotos projeto Mamilo Livre, pág 37:

Fonte: Mamilo Livre, disponível no site <http://www.mamilolivre.com/>, acessado em 01/11/15.

Figura 23: Post Catraca Livre sobre Mamilo Livre, pág 40:

Fonte: Perfil no Facebook Mamilo Livre, disponível no site <https://www.facebook.com/mamilolivre/>, acessado em 01/11/15.

Figuras 24, 25 e 26: Lambe-lambes nas ruas Mamilo Livre, págs 42 e 43:

Fonte: Perfil no Tumbr Mamilo Livre, disponível no site <http://mamilolivre.tumblr.com/>, acessado em 01/11/15.

Figura 27: Post bloqueado no perfil de Letícia Bahia sobre Eduardo Cunha, em Apêndice, pág. 65.

Fonte: Imagem fornecida pela própria autora, Letícia Bahia.

7. Apêndices

Entrevista realizada no dia 22/10/15, em Pinheiros, na cidade de São Paulo, com as idealizadoras e integrantes do movimento *Mamilo Livre*: Julia Rodrigues, fotógrafa, 29 anos, de Niterói/RJ e Letícia Bahia, psicóloga, 31 anos, de São Paulo/SP.

PLPO: Vocês duas posaram para o *Pode não pode*?

Letícia: Para o *Pode não pode* sim. No *Mamilo Livre* nenhuma de nós.

Júlia: Eu tenho foto no site, mas na rua, para o *Mamilo Livre*, não tenho. A gente meio que separou uma imagem que pudesse representar cada perfil possível do brasileiro. Meu peito era muito sem graça...

Letícia: Nós éramos meninas brancas, magrinhas...e a gente queria pessoas mais velhas, mais gordas.

PLPO: E como foi a sensação no ensaio do *Pode não pode*, quando vocês se fotografaram com seios de fora?

Júlia: Eu fui uma das primeiras e, na verdade, quando eu postei a minha foto na internet... primeiro rolou de avisar meu namorado: “ó, vou postar meus peitos na internet”. Ele disse: “tá bom, se vira aí, são teus peitos”. Daí liga meu pai: “pô, Júlia, o que é isso? Vai arrumar problema pra você, vão ficar vendo seus peitos na internet”. Então, rolou problema, timidez, depois começou um desapego, pensei: se eu quero que as pessoas fiquem mais tranquilas com isso, se eu quero que as pessoas posem, eu também preciso estar tranquila.

PLPO: Você postou sem tarja?

Júlia: Sim. Na verdade, a minha foi uma das montagens: eu postei foto minha com os peitos de um cara, e o cara com os meus peitos, uma do lado da outra. A imagem completa não tem, foi essa montagem. A minha imagem continua, claro, porque era eu com os mamilos masculinos. A montagem que tinha os meus peitos rodou em pouco tempo.

Pra mim, é um problema. Eu fui num lugar que era permitido o topless e eu não consegui. Eu sou uma dessas pessoas que tem problema com isso. Tanto que minha amiga conseguiu e em vez de eu ficar feliz por ela e me libertar também, eu fiquei morrendo de vergonha; queria enfiar minha cabeça na areia, porque minha amiga estava de peito de fora do meu lado. Eu me envergonhei por ela. Eu, que estou entendendo isso, estudando isso, trabalhando com isso,

lutando por isso, tenho vergonha? Então imagina quem não está nem pensando. Daí, realmente, é uma confusão mental.

PLPO: E você, Letícia, como foi posar para o *Pode não pode*?

Letícia: A minha foto no *Pode não pode* é uma foto com o *TaTa Top*, que foi um presente do meu namorado. Essa foto foi sussa, porque é de biquíni. Daí, pensamos: vamos fazer uma foto pelada, caso precise para o *Mamilo Livre*. E é meio estranho...é meio como no médico, quando ele fala “tira a roupa” e você tira e fica ali parada. Mas é uma estranheza com a qual eu quero lidar. Tenho de viver isso. O *Mamilo Livre* não é um projeto em que a gente fica só levantando bandeira para o mundo, é uma coisa que a gente vive. Nós todas fomos convencidas disso, nós vivemos isso; o que me impede de tirar a blusa não é só o mundo, é um conjunto de coisas e eu faço parte disso. Eu quero lidar com essa estranheza.

PLPO: Sua foto sem biquíni você postou?

Letícia: Não. Para o projeto *Pode não pode* não foi, porque a ideia foi o biquíni. Para o *Mamilo Livre* acabou também não indo. Tinha um monte de amigas querendo participar e nós somos meninas brancas, de classe média, da zona Oeste e o que mais vinha eram meninas com esse perfil igual ao nosso.

PLPO: Pensaram em variar nos perfis de mamilos?

Júlia: Porque se não a gente só acaba vendo o mesmo perfil ... aí falam: Ah, esse monte de peito novinho, redondinho, de gente magrinha, é fácil postar. Quero ver é postar o peito peito... Mas todos os peitos são peitos de verdade!

PLPO: Mas eu acho muito importante ter esse cuidado de ampliar o visual do peito, porque não estamos acostumados a ver o peito “feio”.

Letícia: Isso foi uma obsessão minha do projeto e o resultado final ainda não me satisfez plenamente. Já temos uma foto de um peito mais velho, de uma mulher de 68 anos, mas é um peito lindo porque ela tem silicone. Eu não abria mão de que metade das pessoas fotografadas – são 12 fotos na rua – fossem negras, porque essa é a proporção aproximada – 51% – da população brasileira. Eu queria que tivesse diversidade etária. Eu queria que as pessoas, com seus diversos corpos, olhassem para o projeto e se vissem nele. Não queria que fosse um monte de “peitinho gatinho”.

Júlia: Mas tinha de mudar esse lance de peitinho gatinho (...) Tem uma dançarina, por exemplo, que está lá com o peito dela. Ela fala que quando vai nessas festas mais loucas, ela coloca só aquele negocinho que fica na ponta do peito. Ela aceita o próprio peito como um peito legal também, mesmo não sendo aquele peito redondo com um mini mamilo etc.

PLPO: Por que resolveram criar o movimento *Mamilo Livre*?

Letícia: Foi uma ideia minha. Eu tinha escrito um texto, no meu blog, o *Reflexões de uma lagarta*. Foi legal, e o texto foi bem lido, mas mesmo em relação a outras coisas que eu vinha escrevendo, eu sentia muito que eu estava pregando para convertido, é um blog feminista e eu estava falando para feministas; e eu queria mais. Eu queria falar com as pessoas. Para esse texto do mamilo eu pesquisei bastante, fiquei muito tocada. É um assunto que a gente vive em primeira pessoa, eu mesma me incomodo com a alcinha do biquíni. Daí, um dia me veio essa ideia: tetas em lambe nas ruas. De maneira que a pessoa que nunca ouviu falar em feminismo tivesse acesso. De uma maneira que tivesse esse impacto imagético. A gente precisa chamar atenção de uma maneira impactante para levantar a discussão. Então, veio essa ideia ainda super crua. Depois encontrei a Júlia.

PLPO: Vocês não se conheciam antes do *Mamilo Livre*?

Júlia: Eu já tinha lido os textos dela e alguém mostrou a ela o *Pode não pode*.

Letícia: Eu tinha conversado com alguns amigos e pensava: como farei essas fotos? Eu sou psicóloga, não sei fotografar. Aí alguém me marcou num post do *Pode não pode*. Vi e pensei: é ela. Escrevi mandando o meu texto, ela já tinha lido. Daí surgiu a parceria.

PLPO: O movimento *Mamilo Livre* se vincula a alguma ideologia específica?

Letícia: O que você quer dizer com ideologia? É um projeto feminista, sem dúvida. Isso está exposto no site. Se você pegar uma definição geral do feminismo, sem cair no afunilamento das vertentes – algo como “o direitos sociais e políticos iguais para homens e mulheres”, sim, o *Mamilo Livre* está dentro da ideologia feminista. Mas não há um viés, uma vertente. Eu tenho uma vertente pessoalmente, mas o *Mamilo Livre* não, até porque é muito imagético. E o que mais queremos é fazer perguntas. Nós também não sabemos, vivemos isso na pele, mas não sabemos. É mais se dirigir para a galera: E aí? E ouvir “ah, eu fico chocada, me sinto assim, me sinto assado”.

Júlia: Para mim, é um projeto de espectadora. Sou uma pessoa que estou totalmente dentro desse grupo que está meio perdido, que quer ser tranquilo em relação a seu corpo: eu não consigo, como eu faço? Para mim, estou lá sentada na cadeirinha, comendo pipoca, vendo a coisa acontecer. Eu quero entender e estou bem curiosa para saber o que vai acontecer depois. A Letícia é minha locomotiva em relação a conceitos, ideias. Ela me alimenta com as informações que eu nunca tinha trocado antes. Eu vim, cá sentada: caralho, o que está acontecendo? Preciso fazer alguma coisa, mas o que é essa coisa? De repente, vem a Letícia e diz “é isso, a ideia é essa, vamos ler esse texto, olha essa imagem, olha esse vídeo”.

Letícia: Mas a ideia do projeto não é mostrar qual é a nossa opinião, ou dizer qual a resposta para a questão das tetas, mas sim: “vamos falar sobre as tetas”.

PLPO: A inspiração para o *Mamilo Livre* veio de algum outro movimento similar no Brasil ou no mundo?

Letícia: Tem vários: o *Free the Nipple*, o *TaTa Top*, tem o *GoTopless.org*. Inclusive, há coisa de um mês, dois meses, rolou nos Estados Unidos e em algumas capitais europeias o Dia Nacional do Topless². Lá nos Estados Unidos o negócio tá bem mais forte. Centenas de mulheres na rua. Essa ideia não tem autoria, é uma discussão que está dada.

Júlia: Estão começando a levar isso (o debate) para suportes específicos. É o *TaTa Top* (biquíni), é o *Free the Nipple* que começou com a camiseta e tem o filme.

Letícia: É totalmente ficção, mas muito verossímil. É muito de fato o que está acontecendo.

Júlia: A gente vê até brasileiros fazendo coisas relacionadas a isso. Quando eu comecei com o meu (*Pode não pode*), uma menina na Alemanha me mandou o trabalho de outra artista, Claire van der Mee³. Ela tinha um *Tumblr* e também fazia isso: pegava imagens de mulheres com topless e ficava trocando mamilo, botando mamilo na cara, mamilo no fundo, mamilo no olho... Ela fez uma exposição, inclusive, questionando qual era o problema do conceito do peito, porque se tirar o mamilo do seu lugar e colocar no olho ou na orelha, essas fotos são permitidas nas mídias sociais. Então, ela estava tentando entender o porquê dessa proibição. Quando o mamilo está na sua configuração original de peito, ele é proibido, mas, se tirar o mamilo e botar no olho e o olho botar no peito, pode. Se você recortar todo o peito pode.

² GoTopless Day Parade realizado no dia 23/08/15 nos Estados Unidos.

³ Artista holandesa, idealizadora do projeto *NipSlip*. *Tumblr* disponível em webgrafia.

Letícia: Tem aquele quadrinho, né?! Que até eu fiz mesmo no paint brush a tradução para o português: this is a male nipple. Copie, recorte e cole para cobrir o inescusável mamilo feminino. Se você colocar uma estrelinha no mamilo, a foto é liberada.

PLPO: **É isso mesmo, é o mamilo, não é o seio no conjunto inteiro. Pior ainda, fica mais confuso.**

Letícia: Tem de ser coberto o mamilo! E é a parte que é todo mundo igual.

PLPO: **Exatamente, é verdade, inclusive, quando você está com frio é a primeira coisa que vão olhar em você.**

Letícia: É, aquela coisa machista, tipo ligar o ar condicionado para que o bico do seio dela..., levar para a seção de iogurtes no supermercado...

PLPO: **Para o mamilo ficar...arrepinado?**

Júlia: Intumescido!

PLPO: **Como se deu a constatação de que a exposição dos mamilos masculinos tem veiculação mais livre do que a dos mamilos femininos no Facebook?**

Júlia: Porque eu sou bloqueada no Facebook toda vez que eu posto mamilos femininos. Se eu postar mais uma, serei bloqueada de novo.

PLPO: **Você teve foto bloqueada também, Letícia?**

Letícia: Tive. Fotos e outras coisas. Eu sempre soube desse bloqueio, mas estou experimentando isso. Eu estou num bloqueio, falta uma semana para terminar meu terceiro bloqueio.

PLPO: **É, eu vi que você já voltou uma vez de um bloqueio...**

Júlia: Primeiro são seis horas, depois um dia, depois...

Letícia: Pra mim foi um dia, depois três dias, depois uma semana, depois um mês. Eu estou no bloqueio de um mês. E entre os bloqueios de uma semana e de um mês, passaram-se apenas 15 horas.

PLPO: **Que tipo de fotos você postou? Suas?**

Letícia: Não! Eu fui bloqueada até por causa do *Mamilo Livre* nas ruas, foto super de longe, na Oscar Freire...

Julia: Bloqueada foto da foto da foto...

Letícia: Tipo se eu tirar uma foto de vocês, daqui, com essa cena (Letícia aponta para um dos lambe-lambes do projeto, colado na parede do estúdio, com seios femininos estampados), ela será bloqueada. Por exemplo, quando você tira uma foto dos seus amigos, o algoritmo marca sozinho. Ele é um robô e mapeia, sabe muitas coisas, sem necessidade da intervenção humana. Se eu postar uma foto pelada, é quase certeza que o algorítmico me reconhece. A Júlia testou algumas coisas, como postar o negativo, e descobriu que o robô não reconhece. Quando o robô não reconhece, isso fica sujeito a denúncias de usuários: pode demorar um dia, pode acontecer nunca. Essa denúncia vai lá para o Facebook, para alguém que vai acatar ou recusar essa denúncia. Essa denúncia será acatada ou recusada, em tese, de acordo com as políticas de publicação do Facebook. Mas o Facebook é um lugar privado, assim como essa casa. A Júlia pode receber a gente e dizer: “pode fumar nessa casa”. Você acende um cigarro e ela fala: “vaza, porque eu acabei de decidir que só você não pode, aqui é minha casa, então acabou”. Eu já tomei bloqueios por coisas que o Facebook autoriza, em tese. Tomei dois bloqueios: um por causa de um texto sobre o Eduardo Cunha, sem foto; e outro bloqueio por conta do quadro “A origem do mundo”⁴, do Courbet. Está nas políticas do Facebook que obra de arte é permitido. E outra coisa: você não consegue falar com o Facebook. Então é a Júlia dizendo que você não pode fumar aqui, só você, só agora, só porque ela quis, sem que você possa falar “mas Júlia, vamos conversar”; não tem esse canal.

PLPO: E no caso do texto sobre o Eduardo Cunha, o Facebook censurou o conteúdo do texto?

Letícia: O link, né? Eu posso mandar o print da tela, de todos os bloqueios que eu tomo eu tiro o print da tela (figura 27).

⁴ Obra do pintor francês Gustave Courbet (1819 – 1877), realizada em 1866, que mostra as genitais femininas de maneira naturalista. Está exposta no Musée d’Orsay, em Paris.



Figura 27: Imagem do post bloqueado do perfil de Letícia Bahia

PLPO: Daí eles não dão nenhuma resposta?

Letícia: Você está lá, mexendo, aí de repente você resolve ver algum outro perfil, você clica, aí vem: “ops, você acabou de ser bloqueado por que tal foto ou tal link não está de acordo com nossos padrões de publicação”.

Júlia: Saiu na Folha uma matéria no caderno de Tecnologia, que é justamente uma entrevista com a responsável dessa central que faz a censura no mundo. É uma mulher que cuida da coisa toda. Eles perguntam sobre a censura ao peito feminino. Ela respondeu que “a gente não tem como saber se essa foto foi autorizada e se ela está sendo usada como *revenge porn* (vingança pornô)”⁵.

Letícia: Eles pensam que somos uns tontos Tudo isso eles fazem para nos proteger, olha que bonito!

Júlia: Levando em consideração que mesmo uma foto sem referência sexual, pornográfica, nada, é pornografia.

Letícia: Levando em consideração também que caso seja uma foto de *revenge porn*, você bota uma estrelinha aqui (no mamilo) e não é mais *revenge porn*.

PLPO: Tudo depende da análise deles. Estranho eles terem uma central global e não ter um escritório aqui. Porque muitas vezes o que é horrível para eles não é para nós.

⁵ Monika Bickert, líder global de revisores do Facebook, em entrevista para o caderno TEC, da Folha de São Paulo, publicada no dia 12.10.2012.

Letícia: Mas por que eles teriam? O Facebook pertence a uma empresa de capital aberto. O Facebook não é mais o quintal do Zuckerberg⁶, ele é o CEO da empresa, o objetivo de toda empresa de capital aberto é por definição o lucro, é só isso o que importa, é um grupo corporativo desprovido de moral, então qual é o interesse que essa empresa tem de discutir isso com os usuários? Isso só vai acontecer se a empresa começar a perder usuários, daí os acionistas vão dizer “ei, escuta, meus dividendos aqui”, então o Zuckerberg vai pra reunião com a diretora executiva, dizer “ah, talvez a gente deva abrir um escritório no Brasil”. Então é isso, não porque eles são legais, mas para dar lucro, para dar um retorno aos acionistas.

PLPO: Vocês têm notícia do que ocorre em outras mídias sociais, como o Instagram, por exemplo?

Júlia: Sim, no Instagram é a mesma coisa. Eles tiram do ar, depois de “X” vezes que eles te tiram do ar, eles apagam a tua conta. A Rihanna é um caso clássico. Ela perdeu a conta com trezentos mil seguidores e teve de abrir outra depois. Ela tirou foto dela mesma. Ela postando foto dela, e eles nem podem mandar essa de “pode ser *revenge porn*”. Não, sou eu postando uma foto do meu peito, e daí, é meu corpo, deixa aí! Mas eles falam que não pode porque faz parte do contrato da Apple, que não pode ter pornografia.

Letícia: Saiu uma nota oficial no Facebook sobre isso. A Apple também tem uma política, é todo um conglomerado de tecnologias, e o Facebook mandou uma bem terceirizando isso, se há pornografia não pode haver diálogos entre os dispositivos e tal.

PLPO: Teve um caso com a cantora Juçara Marçal proibida no iTunes, por causa da ilustração do músico Kiko Dinucci para o CD Encarnado, e o iTunes bloqueou, pedindo uma capa alternativa sem explicar o porquê. Ela disse que não, que não ia trocar a capa do CD dela. Eles disseram “então, você não vai lançar aqui no iTunes”.

Júlia: É uma coisa tão besta!

Letícia: Está lá nas normas do Facebook dizendo que nudez não pode, só se for obra de arte. E apareceu na minha linha do tempo um comercial alemão, acho que de gilete, e tem um homem pelado. Não aparece de frente, mas é um gostosão, de costas, pelo espelho você vê o rosto dele de frente e ele tá lá, fazendo as coisas dele. Pensei: vou denunciar para ver o que

⁶ Mark Elliot Zuckerberg é estadunidense; fundou o Facebook em 2004; a empresa abriu seu capital na bolsa de Nasdaq, nos Estados Unidos, em 2012.

acontece. Me deram uma resposta dizendo que iam analisar e depois veio a resposta: “essa publicação **está de acordo** com as nossas normas...”.

PLPO: Se eu denuncio quanto tempo demora?

Júlia: Às vezes demora umas horas. Quando eu recebo aviso que alguém denunciou uma foto minha, eles falam “olha, essa foto aqui foi denunciada, estamos analisando, você quer já apagar para a gente não te bloquear? Aí tem a opção “não, eu confirmo que essa foto não tem nada de errado”. Mas também tem vezes que simplesmente a foto desaparece. Por exemplo, eu percebi agora que a foto da trans desapareceu e eu já fui bloqueada por causa dessa foto. Da trans mulher, que tem ainda o torso totalmente masculino, só que a maquiagem é de mulher. É a Érica. E ela sumiu e eu não recebi aviso de que iriam apagar ou que tivessem denunciado.

Letícia: É isso, no Facebook você está num lugar privado.

PLPO: Vocês já falaram um pouco dos objetivos do *Mamilo Livre*, mas eu gostaria de retomar, abri mais essa reflexão. Quais outros objetivos vocês têm com esse projeto?

Letícia: O lance de a gente colocar várias fotos juntas é mostrar mesmo o quanto, na verdade, é parecido. E parte da decisão de cortar o rosto foi por aí também. Quando tira o rosto, que identifica muito o gênero, e fica mais parecido ainda. Quando você vê o conjunto, tem de parar um pouco para pensar. E a gente achou que isso é muito interessante.

PLPO: Então, o corte do rosto é justamente para criar essa confusão e as pessoas não identificarem de imediato se aquele mamilo é feminino, ou masculino, de uma velha ou de uma jovem?

Letícia: A gente também não queria personalizar o projeto. Ele não é sobre essas pessoas.

Júlia: Rolou isso também: quem são essas pessoas que estão posando? Vamos querer fazer uma entrevista! E eu disse: não, cara, é imagem, é o conceito do peito.

Letícia: Se as pessoas quiserem se identificar e falar, obviamente, podemos abrir para isso. Mas a gente não queria que ficasse uma discussão assim, “ah, qual é a sua história, qual é a sua relação com o peito? Não, porque o projeto é muito mais sobre o espectador do que sobre essas pessoas.

PLPO: Muito mais sobre o espectador do que sobre aquela pessoa que se expõe. Vocês escolheram o lambe lambe justamente para causar estranheza e provocar a reflexão para o espectador, mais do que para quem se expõe...

Letícia: Sim, a gente quis botar na rua, no mundo. Quando tá na rua, vai passar morador de rua, vai passar criança, vai passar o cara com a limusine, botar na rua é botar totalmente para o mundo, muito mais do que no Facebook.

Júlia: A gente está tentando acompanhar. Há pessoas fazendo coisas em cima dos lambe-lambes. Tem um que desenhou, botou sutiãs nos homens, camisa nas mulheres e tampou os peitos de todo mundo. Teve outro que botou um lambe-lambe bem do lado, escrito “desapegue da ideia de quem você é”. Teve outro que era um dragão incrível! Umhas pessoas fizeram no Rio, mas no dia seguinte a Prefeitura tirou. Era um painel com 12 fotos, o viaduto inteiro.

PLPO: No Rio já chegou? Vocês foram para lá ou foi iniciativa de outras pessoas?

Júlia: Não fui eu. Mandaram foto dizendo “olha, colamos, olha que legal!”. Pedi para ir no dia seguinte, para tirarem uma foto de dia. “Ei manda uma foto boa pra gente. Tipo, tudo pintado de cinza”.

PLPO: Será que foi uma infelicidade, era uma coisa que estava programada?

Júlia: Não, estava bonitinho antes! Acho que lá no Rio eles estão meio neuróticos por causa das Olimpíadas.

Letícia: No nosso *Tumblr* (e até voltando à sua pergunta sobre as redes sociais, a gente escolheu o *Tumblr* porque lá o mamilo é livre, e é meio... a gente não ia fazer o Facebook. Só que as coisas estão no Facebook, a gente fez no Facebook e no terceiro dia foram mil curtidas na página. Mas, ao mesmo tempo, a gente não pode colocar as fotos os painéis no Facebook. No *Tumblr* são 30 seguidores, que para *Tumblr* talvez seja muito, mas no *Tumblr* pode colocar as fotos) tem todas as fotos que a gente recebeu estão lá. Tem vários painéis em Brasília. Teve duas meninas com quem eu conversei pelo inbox e eu mandei impresso pelo correio. Eu não gosto muito dessa ideia de ficar enviando.

PLPO: Uma hora vai sair caro...

Letícia: Já saiu caro e é a gente que está bancando. Mas as pessoas ficam muito perguntado “posso colar?”, “posso isso, aquilo?”. E eu digo “galera, tá na rua, tá disponível no site para

download, tipo: pegue e faça; não precisa pedir autorização pra gente nem para ninguém. O nosso sonho é que as pessoas ... que o projeto seguisse sem a gente. Não que eu precise mandar as fotos. Se isso precisa acontecer para as fotos estarem aí fora, beleza, eu faço por que eu quero essas fotos espalhadas.

PLPO: E tá tão explicadinho no tutorial!

Júlia: As pessoas nem entram no site, elas vão direto para o Facebook.

Letícia: A gente gastou grana, tempo, o site foi o que mais demorou para fazer, para ficar lindo. Então a gente fica meio dependendo do Facebook.

Júlia: Ninguém mais usa a internet. Notícia, tudo, agora é tudo pelo Facebook. Ninguém mais entra no site da Folha, do estádio...

Letícia: As pessoas entram pelo site da Folha pelo link no Facebook. Falando grosso modo, os sites de notícia, 2/3 de acessos a eles são via Facebook.

Júlia: E se eles escolhem: agora é proibido você entrar em tal site... e eles fazem censurando link. Nossos links começaram a se censurados.

Letícia: Gente, não tem mais mamilos na Playboy, atenção!

PLPO: Eles não vão mais fazer ensaios sensuais, é isso?

Júlia: A explicação deles é que perdeu o sentido, porque hoje pornografia você encontra em qualquer lugar. Talvez se torne uma revista de comportamento.

Letícia: Eu tenho para mim que isso permite também que a Playboy tenha uma entrada maior no Facebook. Eles fazem um ensaio com a Malu Mader, que agora pode posar pra Playboy, é uma moda de não posar nua mas ela faz ensaio sensual, fazem um ensaio de 15 fotos, e agora a Playboy pode dar uma mostra...

Júlia: Mas acho que só a Playboy americana lançou isso, não a Playboy em geral.

Letícia: A Playboy americana já lançou, a Playboy brasileira está adotando. Li que aumentou em cinco vezes, uma coisa absurda o que aumentou esses acessos, de dois para 25 milhões. E mudou o perfil do usuário. Quem acessava ainda era uma galera velha guarda que ainda vinha desse histórico, que tinha essa relação com a Playboy, mas a molecada, vai no *Redtube*⁷. Que Playboy, as peladas, sim. Vamos pro Redtube que a mulherada tá lá ... então nem criou essa “ah minha coleção de revista”.

⁷ Website de compartilhamento de videos pornográficos.

PLPO: Eu fiquei com uma dúvida: será que esses links de sites de notícias, como da UOL, por exemplo, podem ser censurados?

Júlia: Sim, um link da UOL foi bloqueado. O nosso, quando compartilhamos do UOL, a página foi bloqueada e ficou fora do ar. E era compartilhamento de um link de outro site, conteúdo jornalístico.

Letícia: Nossas fotos, como as fotos dos painéis na rua, elas estão nas matérias.

Júlia: Quando eles compartilham no Facebook e aparece a imagem, foi bloqueado. Foi do Uol, foi do Summer Hunter. Ele avisou “ih, cara, minha página tá fora do ar por causa do link de vocês”,

Letícia: E aí o cara vai e sobe a notícia de novo com outra foto, sei lá, uma foto de cara, foto de nós duas. Ou, o Catraca Livre por exemplo, ele pôs uma foto que é a foto do fundo do site e pôs tarjas.

PLPO: Eu já vi umas intervenções suas das bolinhas...

Letícia: ...que são propositadamente horrorosas, e faço vermelho mesmo... que eu chamo de teta de catapora. No Facebook, **os peitos têm de estar doentes para serem exibidos.**

PLPO: Junto com vocês há outros profissionais envolvidos para prestar assessoria?

Júlia: Tem uns amigos profissionais e com eles a gente tira dúvidas. Para o *Pode não pode* eu arrumei um advogado que me explicou um monte de coisas. Tem um médico para quem eu fui perguntar: tem um monte de gente falando que os seios femininos são realmente diferentes do masculino e devem ser tratados diferentes. Não, ele disse que a diferença é que o seio feminino tem glândulas mamárias mais desenvolvidas para produzir o leite. Essa é a diferença. Não é mais sensível, não é uma zona mais erógena do que nos homens.

Letícia: Para o *Mamilo Livre* eu também conversei com uma amiga advogada, para saber essa coisa do lambe, para saber se podia trazer algum risco legal pra gente. E teve momentos de... Um dia quando a gente foi fazer o viaduto da Oscar Freire, a gente cobriu a lateral toda, a gente chamou uma galera, uns amigos, tal. Uns amigos que vão fotografar num esquema mais profissa.

PLPO: Como vocês escolhem os locais para fixação dos lambes?

Letícia: O primeiro dia a gente foi em 12 lugares. Nesse dia, o primeiro lugar que fomos foi o viaduto da Oscar Freire, a gente fez um painel de 12. Dessa primeira vez, alguns lugares já estavam determinados, outros foi meu assim: “ah, aqui”.

Júlia: Outro dia eu estava andando com um rolo na bolsa e um pote de cola pra trazer pra cá e passei num poste. Parei e fiquei uns 15 minutinhos colando.

Letícia: Tem em vários postes da Vila Madalena.

Júlia: Outro dia, uns seguidores postaram uma foto no Instagram com a Maria Gadú e um monte de gente me marcou. Ela estava num poste na frente de um boteco. Ela tirou uma foto do Mamilo Livre e postou no Instagram. Eu fui lá e marquei a hashtag #mamilolivre. Eu fico agora perseguindo os mamilos no Instagram e vou botando a hashtag. O Instagram tem mais de 260 postagens com a hashtag #mamilolivre.

Letícia: A gente não conseguiu fazer a coisa se concentrar no Tumblr.

Letícia: Eu tenho uma foto de uma mulher inteiramente pelada no blog *Reflexões de uma Lagarta*, que eu tirei na Marcha das Vadias, ficou lá oito meses. Na verdade, até por conta dessa surra de bloqueio que eu tomei, como a foto já estava velha, achei melhor tirar. Eu tenho 13 mil likes na minha página que me são muito caros e se eu tomar um bloqueio...enfim, a foto já fez o que tinha de ser feito.

PLPO: Vocês têm uma ação concreta que são os lambes com as fotos. Outra ação foi o lançamento de uma reivindicação no Avaaz desde o dia 15 de setembro. Nela, vocês reivindicam que o Facebook libere as imagens dos mamilos femininos e uma revisão na política de publicação de imagem. Vocês citam a Constituição, o inciso I artigo 5º sobre igualdade de direitos. Essa é a primeira ação concreta que eu vi do Mamilo Livre. Até quando fica rolando essa petição no Avaaz?

Letícia: Já são 3.100 assinaturas. Rolou um boom inicial, na primeira semana chegou a mil assinaturas. Aí deu uma caída. Virou notícia, saiu nos jornais e chegamos a três mil assinaturas. Agora ela está crescendo devagar. Mas acho que o lance da petição não é chegar a um milhão de assinaturas e bater lá no Facebook. O lance da petição é justamente fazer o tema virar notícia e isso impacta no nome da empresa. Se isso impacta na imagem da empresa, impacta no lucro da empresa. E aí eles se mexem.

Júlia: É uma coisa indireta...

Letícia: É como quando fizeram um milhão de assinaturas para o Renan Calheiros sair...

Júlia: E ele não vai por causa disso dizer “é, agora eu tenho que sair”...

Letícia: Se a mídia tivesse comprado isso em peso, noticiado isso todo dia, daí desgastaria, os políticos não se aliariam a ele, ele teria que responder, o partido teria que se movimentar, mas a mídia não pautou isso. Legalmente, você pode ter um milhão de assinaturas nessa petição, e o Facebook não é obrigado a nada. Mas ele vai ter que acatar se o lucro diminuir, afinal, é uma empresa.

PLPO: E mesmo assim, a divulgação tem se dado pelo Facebook...

Júlia: Estamos com a síndrome de Estocolmo...

PLPO: Vocês ficaram reféns do Facebook?

Júlia: É. A gente não consegue largar dele. É surreal isso.

Letícia: E acho que as pessoas não se percebem muito como possíveis sujeitos do ativismo. As pessoas estão muito... “ah que legal vocês fazerem isso”... “ah que máximo”. Mas então fica essa coisa: posso fazer? Gente! Como você precisa pedir! Pega e faz ou tira uma foto da sua teta e põe. Mas eu percebo que isso nem passa pela cabeça das pessoas. Elas estão tão dentro de casa, do outro lado do computador e tal que é difícil mobilizar as pessoas para a ação.

PLPO: Vocês não acham que as facilidades levam as pessoas a se mobilizarem mais pelas redes?

Júlia: Sim, curte, fala, compartilha, mas na hora de pegar, imprimir, pegar cola, ir para a rua, ter de ouvir alguma gracinha de alguém, ou ficar com medo de estar lá no lugar...

Letícia: As pessoas têm vergonha... e vamos combinar que é mais trabalhoso isso do que clicar na petição. Hoje em dia, a internet e o Facebook te colocam diante dessa coisa, e a gente fica lá só diante da tela, e a gente fica cada vez mais acostumada a isso. Por isso também decidimos ir pra rua. Vamos mais, cara! O mundo tá lá fora. O mundo se dá aí. Eu não queria ficar só na bolha.

PLPO: Quais são as cidades nas quais vocês já detectaram os mamilos?

Júlia: Brasília e Rio.

Letícia: Pode ser que tenha em outros lugares. A gente estruturou o projeto propositalmente de uma maneira que ele pudesse caminhar sem a gente. Ninguém precisa pedir pra gente. Tá apontado lá de um jeito que a gente pode morrer, e o projeto pode caminhar sem a gente. Por outro lado, a gente quer saber onde tá...

Júlia: É, toda vez que o pessoal fala: “ó, vou imprimir aqui”. A gente fala: tá bom, mas aonde você vai botar? Que dia? Onde, qual lugar? Manda foto, manda vídeo, manda...

Letícia: E ao mesmo tempo a gente quer ir pro mundo...E o site, quanto a gente mudou para chegar na versão final!

PLPO: E as traduções, como vocês conseguiram as 14 versões?

Júlia: Uma amiga russa que encontrei numa pauta, que mora na Holanda para quem eu consegui pedir: “ô, você consegue passar pro Russo rapidinho?”.

Letícia: A maioria foi amigo, ou amigo de amigos, umas três versões foram pagas. Teve uma menina que fez a tradução do árabe, que me indicaram, ela é libanesa e mora aqui. Ela foi muito legal.

PLPO: Em que termos vocês pretendem continuar o debate? No âmbito legal? Comportamental? Algum estudo sociológico? Tem algum material que vocês usaram e gostariam de citar?

Júlia: É tudo o que a gente viu e leu ao longo dos anos.

Letícia: Os textos com os quais eu mais me fundamentei para escrever meu texto (*Mamilo Livre*) foi a Constituição e o Código Penal e tem um livro, o *Histórias Íntimas*⁸, que traz a sexualidade na história do Brasil, e a autora fala de como o seio, no período colonial, era uma coisa tipo meio nojinho até. Porque era uma coisa que ficava à mostra nas índias e nas escravas, que era o lixo do lixo do lixo, que usavam aquelas blusas.... e ficavam peladas, e caía, você não vai achar bonito uma coisa que você identifica com a escravidão, e a outra coisa era o aleitamento, muito pela função. Então, o seio era zero erótico. É muito interessante, porque é contextual. Já não foi assim, pode mudar.

Júlia: Tem também a história da imagem da mulher na arte. Nas esculturas renascentistas já rola peitinho, mamilinho bonitinho lá para o espectador assistir o corpo da mulher.

Letícia: Mas corpo do homem também, vide Davi, de Michelângelo.

Júlia: Sim, era o corpo para o espectador assistir; era meio a revistinha pornográfica da época; os caras compravam essas imagens, esses corpos objetificados pra deixar, pra assistir, e são sempre as pessoas lá tipo: olhem para meu corpo, sou linda. E já tem o lance do peito. E tem o homem também, musculoso

⁸ Mary Del Priore, Ed. Planeta.

Letícia: E tem a cronologia dos sutiãs que é muito interessante, porque você vê os formatos. Hoje em dia, essa coisa dos bicos não pode. Ele já foi pontudo. Se você chegava com um sutiã de bojo nos anos 50, que deixa o formato redondo... não!

PLPO: O gosto muda também, depende do que vende, e há interesses econômicos ditando o gosto.

Letícia: Mudar o gosto é sempre importante economicamente, porque cada vez que o gosto muda, você vai vender o produto que vai fazer com que o peito seja o peito da moda. Ou o cabelo; cada estação tem uma tendência: agora é o loiro, ou o ruivo ou o permanente.

PLPO: O peito passou por isso também. Há uns anos, a moda era o peito grande, todo mundo colocou silicone; depois foi o peito pequeno, e as mulheres estão trocando o silicone, para ter peito pequeno. O mercado não pode parar. Parece proposital essa mudança de padrão para movimentar o mercado.

Letícia: Quando a gente fala que é proposital, as pessoas falam “ah, isso é muito teoria da conspiração”. Não, isso não quer dizer que haja um poder central tomando as decisões. Mas isso retroalimenta o sistema, faz com que a economia gire, as empresas fature, então é natural que seja assim. Eu nem estou dizendo que esse seja o único fator. Por exemplo, não sei quais as implicações têm quando a mulher entra no mercado de trabalho, se ter o novo modelo de corpo ideal interfere. Mas sem dúvida que toda a indústria da estética e da moda precisa que as tendências mudem, se não vai ser um modelito básico uma vez na vida e aí...A galera fez geladeira que durava 30 anos e agora? Ninguém mais comprou geladeira, fodeu. Não tem mais para quem vender. Então a gente se fode por um tempo mas agora a gente entendeu que tem de fazer geladeira para durar três anos. É a obsolescência programada.

PLPO: Vocês pretendem levar à frente o Mamilo Livre, algum projeto de lei nos âmbitos municipal, estadual, federal?

A gente lançou o projeto sem saber como ia ser a repercussão. Sem saber se a gente ia colar as fotos e não ia mais pensar nisso. Ou se a gente ia passar dez anos colando foto. Eu tenho uma ideia, nesse momento é só uma ideia na cabeça até porque nós duas temos nossos trabalhos e tal. A ideia é escrever um projeto de lei, coletar assinaturas e usar o nome do projeto para divulgar isso. Algo como “regularize o topless nos parques do estado de São Paulo, na cidade do Rio”, sei lá, e chamar um Jean Willys da vida. Mas eu acho que o momento é muito de...a

página está crescendo...acho que antes de querer pensar em atitudes práticas, seja um projeto de lei ou o que quer que seja, agora é fortalecer a marca mesmo. O *Free the Nipple* já movimento reconhecido. Tipo: ah, o *Free the Nipple* já fez tal coisa, disse tal coisa, então já tem o peso. Então o momento é esse. Ideias eu tenho um monte. Eu sou a megalomaníaca do projeto, eu que quis que fossem todos os idiomas do mundo, tem mais idiomas para subir no site. Uma ideia que eu tenho é imprimir uma bandeira gigante e pendurar numa ponte da Marginal. E isso dá uma puta foto, que pode ser foto em jornais fora do país. O dia em que a gente tiver 10, 20 mil likes na página... eu sonho muito com isso: todo mundo que quiser falar de mamilo vai falar com a Júlia e a Letícia porque é elas que vão responder, elas que sabem. Daí dá pra pensar em muita coisa, dá pra pensar até em ganhar dinheiro com isso. Fazer camisetas, fazer caralho a quatro, e uma parte da renda é nossa, outra parte para o projeto. A gente tem vontade de fazer uma camiseta que é aquela foto, com montagem foda que essa menina fez... De fazer na barra de uma camiseta preta, assim, camiseta tipo linda pra você ir na balada na night.

Julia: Até porque a gente precisa sustentar de alguma maneira todo esse tempo que se gasta.

Letícia: É, a gente gasta tempo e dinheiro. Penso em viabilizar via crowdfunding (financiamento coletivo). O viaduto da Oscar Freire saiu do meu bolso, custou R\$ 300,00. Barato. No tutorial, indicamos o papel sulfite. Mas a gente imprime em papel jornal. E as nossas fotos certamente são as mais caras já feitas para lambe, porque a gente quer que fique mesmo em alta definição, e o papel jornal tem mais aderência do que o sulfite, quanto mais fino, quanto menor a gramatura do papel, mais ele vai molhar e mais ele fica. E é muito difícil manejar na impressora. Não dá para fazer como se faz com o sulfite, que você deixa lá um montão e deixa a máquina trabalhando, porque a máquina engasga com o negócio, então a pessoa tem de ficar lá durante horas, acompanhando, encaixando. Mas assim, você lançar um crowdfunding de R\$ 500, para um projeto desse que já tá todo mundo esperando, 50 pessoas dando R\$ 10,00 paga. É outra ideia essa que eu tenho. Eu gostaria muito dever esses painéis maiores. Eu fiz um na frente da minha casa.

Júlia: Eu também fiz um na frente do meu prédio. Meus vizinhos falam: “ah, você é a dos mamilos, né?”

Letícia: Mas é impressionante. As pessoas passam muito à margem. Às vezes eu vejo uma galera que para, mas nem tchum.

PLPO: Nem percebe ou você acha que percebe mas não dá importância?

Letícia: Nem percebe! A pessoa tá lá olhando o celular ou pensando na morte da bezerra. E o painel da Oscar Freire não dá pra você não ver, são 100 metros. É muito impactante.

PLPO: **Existe alguma intenção de promover debates presenciais ou pretendem ficar só nas redes sociais?**

Letícia: A gente pensou, pode ser, a gente não sabe.

Julia: A gente tá bem orgânica. Do mesmo jeito que pra mim, no começo, era botar as fotos do Facebook porque era uma crise minha com o Facebook e, de repente, apareceu a Letícia e disse “vamos pra rua”, sei lá se não vai aparecer gente falando “vamos fazer um encontro geral, uma palestra e um toplessaço na Paulista, no domingo”.

Letícia: É. É um processo em evolução.

PLPO: **É, vocês estão no começo. Tem outros movimentos similares aqui em São Paulo?**

Letícia: Acho que não. Tem uma menina que tem um lance de camisetas. Ela faz umas camisetas.

Julia: Ela tem umas três imagens de peito em camisetas. Mas ela fala que só vende as camisetas com peito redondinho. Só vende o peito jovem. Teve também aquele pessoal que fez a montagem com as pessoas na banheira.

Letícia: Esse pessoal é amigo da Karina Buhr.

PLPO: **Tem relação com a censura aos peitos na capa do CD dela?**

Letícia: Tem sim. E rolou também um contato nosso com ela. A gente tenta muito unir forças. Tem outra menina, de um projeto chamado *Teta*. Ela escreveu pra gente, comentei que a gente ia fazer o lambe na Oscar Freire, ela foi, mandou as fotos, que ficaram bem legais. Mas acho que, de fato, no Brasil, a nossa iniciativa é a mais estruturada.

PLPO: **O Mamilo Livre não está exclusivamente nas redes sociais. Está no Tumblr, facebook, Instagram, está no site oficial, na rua, ele está em mais algum lugar?**

Letícia: Na rua. O lugar dele é na rua. Nas redes sociais é outra coisa. E é muito louco, porque nas redes sociais você mapeia, você digita a hashtag *#mamilolive* e você sabe o que está acontecendo, consegue contar, consegue saber o número de acessos ao site. Nas ruas, você não consegue saber, e não consegue saber o que as pessoas que estão vendo estão pensando, sentindo, se tá causando impacto ou não. E hoje em dia a gente tá muito

acostumado a isso. Antigamente, você imprimia a edição de 1937 do jornal *O Estado de São Paulo*, imprimia, colocava na banca e o máximo que você conseguia saber é quantos exemplares você vendeu. Você não tinha essa análise do mês todo, a faixa etária do público. É meio angustiante fazer um projeto que é na rua e que tem essa parte que você não consegue mensurar, não consegue saber se tá sendo eficaz. A gente acaba ficando bastante apegada ao Facebook, porque você consegue pegar na mão e entender como vai a coisa.

PLPO: Se não fosse a rede social, esse questionamento seria possível?

Letícia: A rede social não traz o questionamento, ela traz o acesso.

Júlia: Pra mim surgiu em dois momentos a questão. Um, esse momento em que eu tava na praia e percebi tipo: caralho, eu não consigo (tirar a parte de cima do biquíni). O que eu preciso fazer? Por que eu sou assim? E aí no segundo momento, o questionamento veio da própria rede social. Porra, por que eles estão me bloqueando? Então, pra mim, a questão nasceu em dois lugares ao mesmo tempo, na vida real e na rede social.

Letícia: Acho que foi na década de 40 essa história do mamilo masculino. Tem um videozinho de uma feminista americana que chama Elizabeth Flag, que é absolutamente didático e divertidinho, dura cinco minutos. Ela conta uma história que na década de 30, 40, os mamilos masculinos eram proibidos também. Os homens eram multados se tirassem a camisa, se fizessem topless na praia. Aí, o primeiro famoso sem camisa no cinema foi Clark Gable, e aí foi um escândalo. Daí os homens começaram “a gente quer, nós tamo com calor”, e rolou!

PLPO: Como seria o Mamilo Livre sem a rede social?

Letícia: Na verdade, a gente pensou o projeto sem a rede social.

Júlia: Era só o site e a rua. Eu não queria de jeito nenhum.

Letícia: A Júlia não queria. Eu que fiz a página no Facebook e disse: fiz. E o Tumblr era assim...tava lá no cantinho do site.

Júlia: O Tumbler era só pra gente receber fotos de quem fizesse os lambes.

Letícia: Acabou virando muito a briga com o facebook, a petição. Mas ele não foi concebido pra ser isso. A gente foi meio engolida. O Facebook é meio o palco do mundo hoje. Então, não dá, não consegue fugir. E é isso. É o que fez o projeto bombar mais. E eu vou perder esse capital, essa galera que só tá participando dessa discussão porque eu criei essa página?

Júlia: Não dá para abrir mão.

PLPO: A partir do que vocês vivenciaram até agora, quais as demandas têm sido apontadas pelos internautas?

Júlia: De trans. Muita gente me procurando pra perguntar “o que você sabe sobre o corpo trans, o que é permitido e o que não é permitido?”, “querem discutir mais?”. Tanto a Érika quanto o Davi, eles apareceram pelo Facebook. Tipo “e aí? tô sentindo que vocês só têm a galera cis, vocês não querem ampliar essa discussão para o trans? E eu respondi: sim, quero, mas eu não conheço nenhum, vocês querem vir aqui?”

PLPO: E o seio negro?

Letícia: Essa é uma questão bem... que eu tenho um apreço pessoal com isso. Acabou não ficando tão impactante quanto eu gostaria. Você abre qualquer revista em qualquer exposição de foto, a não ser que seja sobre a África, você não vê essa proporção, que é a proporção da população brasileira. Mas acho que nas fotos a gente se perdeu, um pouco pelas fotos serem em preto e branco, mas fundamentalmente porque quando você tira o rosto não aparecem os traços, o cabelo, às vezes, não dá para identificar. A Érika, por exemplo, que é a trans, olhando o recorte que está na foto, não dá a impressão de pessoa negra, e ela é. Eu queria, e isso não aconteceu. Como eu gostaria que acontecesse num editorial da Cláudia metade das modelos fossem negras.

Júlia: A imagem preto e branca com aquela luz...não dá para identificar se a pessoa é branca ou negra.

PLPO: Eu poderia considerar o recorte étnico uma demanda do *Mamilo Livre*?

Letícia: A questão é a igualdade. E quando a gente fala de peito, o viés mais óbvio é a questão de gênero, e a essência do projeto é o feminismo. Mas pra mim não faz sentido falar de igualdade entre mulheres e homens ignorando recortes de classe, de cor, e os indígenas; eu gostaria de ter colocado um indígena no projeto, mas aonde vou achar? Me deu um trabalho da porra achar gente negra. Eu moro aqui, olha o meu mundo, não tem pessoas negras. Como eu vou chegar para a mina negra que eu nem conheço e falar: escuta, você não quer vir comigo e a Júlia fazer umas fotos da sua teta? Fica difícil. Então, acho que a questão de raça e faixa etária, que também atravessa o preconceito com a teta – ta aí, a menina só vende a camiseta se a teta for redondinha – são questões que atravessam e que a gente queria que estivesse lá, nem que fosse de maneira subliminar. Mesmo que isso não esteja sendo falado, discutido, eu acho que por ser fundamentalmente um projeto fotográfico traz esse vício. Mas

se você começar a botar 50% de modelos negras em todas as revistas de moda, não precisa falar nada, isso muda a representação. A criança passa na frente da banca e, lá, o que ela vê é uma composição mista de pessoas negras e brancas. E aí ela vê então que há essas pessoas nesses espaços que são espaços da beleza, de padrões estéticos. Aliás, isso é muito mais significativo do que dizer que para a criança que negros e brancos são iguais, e de fato o que se mostra pra ela, é que os negros estão atrás do balcão.

PLPO: Por exemplo, o tempo inteiro tem de explicar a questão do negro bem sucedido...

Letícia: Não há negros no espaço de poder, não aparece na tevê, não tem modelos, não há empresários negros na tevê. E é um contexto que eu não gostaria ver reproduzido em nosso projeto.

PLPO: O projeto contempla a amamentação em público?

Letícia: Amamentação não é o tema que a gente discute. A razão pela qual eu acho que a mulher tem que poder amamentar em público, não é porque amamentar seja isso ou aquilo, é porque eu acho que as tetas têm que ser livres, independente do estado de você ser lactante ou não. Então sim, apoio a causa, mas é maior. Pra mim, o lance da amamentação é como se a gente fosse defender o direito de usar camiseta cinza. Você tem o direito de usar a roupa que você quiser. Eu entendo, eu não vivo isso (a amamentação), nenhuma de nós vive isso, na zona social de ser mãe também. Eu nem posso falar muito sobre isso, eu super apoio a causa, mas o projeto *Mamilo Livre* é mais amplo.

PLPO: É sobre o direito da mulher decidir por ela mesma o que quer e o que não quer expor?

Letícia: Eu acho que é uma conscientização social, é todo mundo. Não adianta você querer ser livre e falar: “nossa, eu Letícia, estou super bem resolvida com meu peito, vou tirar minha blusa no Largo da Batata”. Eu vou apanhar! O mundo é esse, todos precisam mudar para que a coisa funcione, não adianta só as mulheres mudarem ou só os homens, e as mulheres continuarem com o seu pudor.

Julia: Exatamente, eu chegar... pra mim que tá mudando pra caramba, eu que seis meses atrás não conseguia tirar o biquíni no outro lado do planeta terra, tirei minha blusa na Oscar Freire pra fazer uma foto. Pra mim isso já é surreal, eu tô mudando, mas é as vezes o que a gente discute: “cara eu não vou sair com uma blusa transparente com o peito ali no Largo da Batata.

Não porque eu tô com pudor, mas porque eu tenho medo de um cara me encostar ali num corredor, e sei lá o que ele vai fazer, e depois ainda por cima eu vou ter que explicar porque eu estava de peito de fora.

Letícia: Não, e as vezes eu tenho pudor sim. Pudor do qual eu racionalmente discordo mas é um sentimento de vergonha que me passa. Você fala da coisa de se “expor” né?! Eu me incomodo com essa palavra “se expor”, “se mostrar”. Tipo, eu não estou mostrando a minha mão agora. As pessoas falam: “ah... pelo direito da mulher de mostrar o peito”. Quando o cara tira a camisa, não é isso que ele tá fazendo, ele simplesmente não está escondendo, que é diferente de mostrar. E a gente não quer que as mulheres “mostrem”. Pra gente tudo bem que todas as mulheres continuem de blusa, a gente quer que as mulheres possam não esconder. Posso achar ridículo, posso achar idiota, posso achar o que for, mas eu vou defender o direito dela de fazer isso. Essas pessoas não estão “mostrando”, eu não estou mostrando meu rosto, eu só não estou escondendo.

PLPO: Vocês têm algum plano/projeto para aproveitar ainda mais a conectividade e expandir o Mamilo Livre, se interligando a outras lutas feministas?

Julia: Não, ainda não, mas o que aparecer a gente tá aí conversando.

Letícia: Não, foi um negócio que a gente fez o cronograma do semestre do *Mamilo Livre*...

Julia: A única regra, a única data que a gente tinha é, botar isso (lambe lambe na rua) e o site no ar. O que vai acontecer depois? Não sei. Quanto tempo vai durar? Não sei. A gente também tem vidas paralelas, as vezes a gente fica uma semana sem se falar. Mas não temos uma ideia de projeto específico, tudo pode acontecer.

PLPO: Quais são as diferentes reações das pessoas à exposição dos mamilos femininos, tanto na internet, quanto nas ruas?

Letícia: Quando a gente colou também né. A gente colou na Paulista, passou tipo, num sábado as duas horas da tarde, com a Paulista acontecendo ali.

Julia: Na vida real, eu não tive nenhuma reação negativa, assim na minha cara, teve gente que disse: “ah interessante!”.

Letícia: As reações negativas são de olhar né, mas a galera não chega de maneira vulgar, de maneira agressiva. Todas as abordagens que eu recebi foi tipo: “Que isso meu?! Que massa! Porque?”.

Julia: As abordagens foram positivas ou curiosas: “O que vocês estão fazendo?”. Mas a negativas, é só ali na mídia social. Aí é: “Suas putas, quer ficar pelada!” ou então, levantam a questão: “tem um monte de gente passando fome e vocês aí querendo ficar pelada” ou tipo: “Feminismo, vocês são uma vergonha pro feminismo”.

PLPO: É possível pensar em “regras de como aprender a lidar com as reações adversas”?

Julia: Não alimentem os trolls. Na internet, o melhor é “não alimente os trolls” ou tentar responder de um jeito fofo.

Letícia: Eu converso com os trolls. Lá no blog as pessoas falam: “nossa mas você tem uma paciência”. Eu tenho mesmo, eu gosto de conversar com os trolls, porque é com eles que eu preciso conversar. A coisa de levar pra rua era isso “eu não quero ficar pregando para convertido”. E eu acho que no âmbito do concreto, de você estar fazendo topless, antes de mais nada a gente tem que pensar na nossa própria segurança. Então avaliar isso antes de fazer (topless). Sim, um homem do seu lado, é uma grande realidade, te coloca numa posição muito mais segura, a gente quer que isso mude mas... esse é o quadro hoje. Se você quer fazer topless, avalie os riscos, pra você entender o que tá em jogo ali. E secundamente, é suportar a própria angústia. Porque isso é foda, vem o olhar do outro e isso te impacta mesmo. Você vai fazer topless em Ipanema, as pessoas vão te olhar. Mas “ah não me importo com a opinião dos outros”. Então vai morar na caverna colega, a gente tá no mundo, a gente é um ser de cultura, a gente é um ser social. Então é conseguir suportar isso, e responder da maneira mais pacífica e menos bélica possível. Se a pessoa que está te trazendo a mensagem te causa empatia, você já tende a mais gostar da mensagem. Então eu tenho pra mim que é importante a gente tomar essa postura.

PLPO: O que vocês pensam em relação ao movimento que estão criando e a sociedade: a discussão sobre a exposição do seios nus nas redes sociais pode levar a quais consequências na cultura? Pode diminuir o machismo?

Letícia: Sim, mas discordo do começo da sua pergunta porque não acho que a gente tá criando. A gente criou o projeto Mamilo Livre, a gente não criou essa discussão. A gente criou um jeito de colocar no megafone (a discussão).

Julia: A gente adaptou a discussão.

Letícia: A razão pela qual o mamilo feminino é proibido e o mamilo masculino não, é porque o nosso corpo é hiper erotizado e isso é cultura do estupro. Isso eu falo no meu texto (*Mamilo Livre* do blog *Reflexões de uma lagarta*), não erótico para as mulheres, a não ser para as mulheres lésbicas, que além de serem uma minoria numérica, também no sentido de minoria oprimida. Quer dizer, não são elas que produzem o status quo. E no entanto, o seio é erótico para mim também, que sou mulher, e que não tenho tesão em mulher, porque ele é erótico pro homem. Então se tem a metade do mundo, que tem tesão por teta, metade do mundo que não tem tesão por teta. E os códigos de conduta que prevalecem, são os códigos, que partem deste olhar (masculino), muito embora quem tenha as tetas, são estas pessoas. Se a mulher vai sendo destituída desse hiper erotismo, ela vai assumindo outros papéis na sociedade.

Julia: Eu não acho que a gente vá ver isso, essa naturalização. (se referindo que talvez os prazos só poderão ser visto a longo prazo). A gente vai viver o topless com nego olhando e falando: “Ó a puta, ó ó ali mostrando o peito, ó a sei lá o que”. É o lance de você tomar um tapa na bunda, sei lá, isso aconteceu comigo quando eu tinha 12 anos. Tomei um tapa na bunda de um homem adulto na rua, eu tava com um short que era quase um biquíni, mas eu tinha 12 anos. E aí eu chegar em casa, reclamar e meu avô falar: “Também com essa bunda de fora você tava querendo oque?!”. Então imagina quando a gente começar a poder... eu tô começando a sair sem sutiã agora. Tem minha amigas, que me ligam falando: “Cara, eu vim trabalhar sem sutiã” ou “Você não sabe, tô sem sutiã”. Aí essa pessoa sem sutiã... vai algum filho da puta vai e dar um beliscada no peito dela um dia. Aí alguém vai falar: “também, com esse mamilo aí de fora”. Difícil pra caralho... outro dia eu saí a primeira vez com uma blusa de... tipo, era uma blusa assim... só de rendinha, meio que você via a sombra do mamilo. Tava me sentindo tipo “Pá... incrível!”, meus amigos: “Nossa que incrível! Como que você saiu assim?”. Mas tipo pra eu sair na rua, casaco.

Comentários finais

Julia: É o lance de falar: “Mas você tá lutando por isso, mas você também quer ser a bonita?”. Cara, eu sou parte do sistema, calma. Eu tô aqui também.

Letícia: O mundo é plural e diverso. É isso que eu falo de fazer o topless e lidar com essa angústia. É tudo ao mesmo tempo, se contradizendo, dentro da gente também, não é só no mundo. É mais difícil lidar com os “paranauês” dentro da gente.